

OS DEDOS E OS

DADOS

◆ CONTOS ◆

Caio Porfírio Carneiro



Pontes



LITERATURA/CRÍTICA

– Ensaios Mínimos

Eustáquio Gomes

Uma leitura de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Raduan Nassar e outros autores contemporâneos.

– Malandragem Revisitada – Uma Leitura Ideológica de “Dialética da Malandragem”

Roberto Goto

O livro analisa o modo como o texto “Dialética da Malandragem” de Antonio Candido, publicado em 1970, constrói sua representação de malandros e malandragem, que representação é esta e que significados projetou no contexto político e cultural em que foi produzido.

– Poesia Negra no Modernismo Brasileiro

Benedita Gouveia Damasceno

Discute as propostas poéticas da Negritude na França, constatando o domínio de uma cultura branca incontestável até o final do século XIX no Brasil e analisa o momento de ruptura que se deu com o advento do Modernismo.

“... Caio Porfírio Carneiro é um impressionista. A sua imagem vem ao vivo, ganha relevo imediato, é quase tangível.”

Moreira Campos

“Oscilando entre ambientes, os contos de Caio Porfírio Carneiro testemunham um fino espírito de observação psicológica e uma sutil capacidade de condensação literária. O autor alcança, depois de mais de vinte anos de atividade literária, notável maturidade discursiva, uma consciência de artesão.”

Fábio Lucas

“... não se trata apenas de neo-realismo, mas de bom neo-realismo...”

Wilson Martins

“Marca a presença de um criador inteiramente senhor do seu ofício, dominando a narrativa com uma extraordinária economia de meios.”

Jorge Amado

“Na verdade, uma exemplar sobriedade, uma envolvente criação de ambiências e alegorias, um halo de encantamento — e sem dúvida um forte impacto sobre a sensibilidade do leitor.”

Fernando Namora — Portugal

“... eis uma boa mescla de ação e reflexão, de cortes interiores e tomadas externas, de sol derramado que se vai finando, acaba em bruscas nuvens íntimas.”

Ricardo Ramos

OS DEDOS E OS DADOS

Do Amp
Vilto,

Mo memo pover

alio, o
Pratens do

S.P. 24/4/91

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfírio, 1928-

Os dedos e os dados : contos / Caio Porfírio Carneiro.
— Campinas, SP : Pontes, 1989.

ISBN 85-7113-024-8

1. Contos brasileiros I. Título.

89-0929

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869.935

Caio Porfírio Carneiro

OS DEDOS E OS DADOS

Contos

1989

Copyright © 1989 Caio Porfírio Carneiro

Capa:

Criação: Ernesto Guimarães

Layout/Arte final: Paulo Felipe

Ilustração: Sara Zacharias

Coordenação Editorial: Ernesto Guimarães

Revisão: Adagoberto Ferreira Baptista

PONTES EDITORES

R. Dr. Quirino, 1230

Telefone: (0192) 2-0943

13.015 - Campinas - SP

1989

Impresso no Brasil

DO AUTOR

- Trapiá* — (contos) — Ed. Francisco Alves, SP, 1961. 2.^a ed. Coleção Saraiva, SP, 1972. 3.^a ed. Ed. Cátedra, Rio, 1980, em convênio com o INL.
- O sal da terra* — (romance) — Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1965. 2.^a ed. Ática, SP, 1978. 3.^a ed. Ática, 1984. Traduzido para o italiano e árabe. Adaptado em roteiro técnico para o cinema.
- Bala de rifle* — (novela policial) — Folhetim in *Última Hora*, SP, 1965.
- Os meninos e o agreste* — (contos) — Ed. Quatro Artes, SP, 1969. 2.^a ed. Quatro Artes, SP, 1970, em convênio com o INL. Prêmio "Afonso Arinos" de contos, da Academia Brasileira de Letras. Menção Honrosa do "Prêmio Governador do Estado de São Paulo." O conto *O padrinho* foi traduzido para o alemão.
- Do cantochão à bossa nova* — (ensaio sobre música popular brasileira) — Separata do Boletim Bibliográfico Brasileiro da Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", SP, v. XXVI — julho-agosto-setembro-1970.
- Uma luz no sertão* — (romance-reportagem) — Ed. Clube do Livro, SP, 1973.
- O casarão* — (contos) — Ed. do Escritor, SP, 1975. Prêmio "Jabuti" da Câmara Brasileira do Livro, SP. Menção Honrosa do *Pen Clube* de São Paulo.
- Chuva (Os dez cavaleiros)* — (contos) — Ed. HUCITEC, SP, 1977.
- O Contra-Espelho* — (contos) — Traço Editora, SP, 1981.
- 10 contos escolhidos* — (seleção de contos escolhidos do autor) — Coleção 10, Horizonte Editora Ltda., Brasília, DF, em convênio com o INL, 1983.
- Viagem sem volta* — (contos) — Editora Seiva, SP, 1985. O conto *Viagem sem volta*, do livro, foi traduzido para o italiano.
- Profissão: esperança* — Lit. Juvenil — Ed. Brasil, SP, 1985.
- Quando o sertão virou mar...* — Lit. Juvenil — Cia. Ed. Nacional, SP, 1986.
- Da terra para o mar, do mar para a terra* — Lit. Juvenil — Ed. FTD, SP, 1987. 2.^a ed. FTD, 1988.
- Três caminhos* — (novela) — Ed. FTD, SP, 1988.
- Dias sem sol* — (novela) — Ed. I.L.A. Palma — S. Paulo/Palermo-Itália-1988.
- Rastro Impreciso* — (poesia) — João Scortecci Editora, SP, 1988.
- A oportunidade* — (novela) — Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1988.

ÍNDICE

1. OS DEDOS	9
2. A CEIA	13
3. A PROMESSA	17
4. A MISSÃO	23
5. A SOMBRA	27
6. O SORRISO	35
7. A CIRANDA	43
8. A CONFISSÃO	51
9. O VENDEDOR DE BILHETES	59
10. O ANDARILHO	67
11. A ÁRVORE CAÍDA	73
12. A BOLSA	77
13. UM SEGUNDO	81

OS DEDOS

Gestos tímidos, a princípio. E que ganharam desenvoltura, as unhas de vermelho polido a entrelaçarem-se e abrirem-se, moldando palavras.

— Foi a primeira vez.

— Creio.

As coxas grossas cruzaram-se e a mão, apressadamente, insistiu em descer a saia. Não me olhava de frente e eu a ajudava a acalmar-se:

— Que belo carro aquele que vai passando, hem.

O silêncio prolongou-se por segundos, uma eternidade, que eu interrompia com pigarros e ela com palavras e mais palavras de justificativa e auto-repreensão:

— Uma loucura.

— Tolice.

Aprumou-se na cadeira. Na boa postura a prova da honestidade. Os dedos finos, que sabiam acariciar até a exaustão, insistiam em descer a saia sem dobras. Abriu a bolsa. Olhou-se ao pequeno espelho, passou a ponta do lenço nos lábios úmidos, que sabiam sugar até a exasperação.

Rápida trancou a bolsa, sem me encarar nunca.

— E o táxi?

— Já chamei.

Inverteu o cruzamento das pernas, como envergonhada do comportamento de há pouco, estiradas, entregues, convidativas. E as mãos não paravam: desciam a saia, ajeitavam a blusa, os cabelos louros partidos ao meio, modelavam palavras e mais palavras, todas qualificando sua retidão de conduta.

— Não sei onde estava com a cabeça.

— Esqueça.

O marido, um santo. Os filhos, lindos. Educação severa. E os dedos, sempre os dedos, a dedilhar a seqüência de palavras a sacramentar a família. Os olhos presos na parede em frente. E eu a encará-la. Dentes iguais, que sabiam morder desvairadamente.

— E o táxi, meu Deus?

— Não demora.

Abotoei a gola da camisa, disfarsadamente. Esconder os sinais vivos das mordiscadas continuadas. Cruzei também as pernas, vagarosamente, porque me ardia o baixo ventre, onde se aninharam, em busca frenética, por um tempo que me parecera uma eternidade, os cabelos louros partidos ao meio.

— Sou muito religiosa.

— Sei.

O táxi não chegava e os dedos batiam na bolsa presa ao peito. Os olhos ainda na parede, seu perfil, suas palavras.

A rua deserta e de repente o silêncio a pô-la mais espigada, dignidade de estátua.

— Se me encontrar, nunca me viu.

— Fique tranqüila.

E os dedos novamente irrequietos. Dedos que sabiam tudo e foram tão hábeis, instantes atrás, que ao contemplá-los o calafrio ainda me descia pela espinha. Bailavam e tamborilavam as pontas das unhas no couro da bolsa. Pararam de pronto com o ruído de freios.

— O táxi. Graças a Deus.

— Não demorou.

Levantou-se. Os dedos voltaram a ajeitar os cabelos louros partidos ao meio, a saía, sempre a saía.

— E eu neste fim de mundo.

— Não é tão longe.

Indeciso, aproximei-me para um leve beijo.

— Comporte-se.

— Desculpe.

Olhou o pequeno relógio de pulso, correu a vista pela rua silenciosa, pôs os óculos escuros.

— Esqueça o que aconteceu.

— Está bem.

Desceu os degraus, entrou no táxi e lá se foi rua a fora. Ao dobrar a esquina, pôs a mão fora da janela ligeiramente, e vislumbrei, na indecisão dos dedos, daqueles dedos que sabiam dizer tudo, não um gesto de adeus, mas uma promessa de retorno.

Justiça

A CEIA

Olhou através da janela. O vento e a paisagem. E o cata-vento, reflexos de espelho, além. Sentou-se, suspirou, deitou os olhos nos pés doridos e metidos nas botas empoeiradas da grande caminhada. O corredor abria-se lá para dentro. Via a ponta da mesa na sala-de-jantar. E as árvores frondosas, as mesmas, no quintal. Andou um pouco, paredes cobertas de retratos. Cadeiras estofadas. Voltou a olhar lá fora. O vento se fora. Caminhou vagarosamente ao longo do corredor, a acústica dos passos a anunciar sua presença.

— Cheguei para a ceia.

Então a mesa, larga e polida, surgiu por inteiro. Examinou os móveis, a cristaleira que guardava peças finas. Nenhuma surpresa ao vê-la sentada à cabeceira, na obscuridade. Sentou-se em frente, a mesa de permeio. Examinou o corredor, seu ladrilho, depois a copa das árvores no quintal.

— Tudo o mesmo. E aqui estou.

Ela sorriu. O mesmo sorriso. O mesmo vestido, um pouco desbotado.

— Não mudou nada.

Ela desfez o sorriso e firmou-se espigada na cadeira. Cruzou as mãos, e os dedos, sem anéis, pareceram-lhe mais finos, unhas crescidas. O olhar um pouco sem brilho.

— É. Mudou pouca coisa. E não é hora para a ceia.

A viração que corria ao longo do corredor era morna e o postigo da porta, lá fora, batia e batia. O brilho da mesa era fosco, destacava falhas na madeira. Ao canto da sala descia, como um véu, a teia-de-aranha.

— Coisas do tempo.

Ela voltou a sorrir. Pequenas rugas a mapear-lhe o rosto de estrias. Seriam nódoas, manchas apenas, no vestido branco, puído nos punhos.

— Também quantos anos.

Ergueu-se e dirigiu-se ao quintal. Não passou além da cozinha, nua, paredes altas, grandes falhas, fogão morto. A cerca caída, árvores desgalhadas, pouca folhagem. Pedacos de madeira e tela enferrujada do viveiro. Nenhum trinado de pássaro.

Voltou e sentou-se, dores nas juntas.

— Alguma diferença, é verdade.

O verniz da mesa esmaecido, sulcos profundos que o cupim abrisse vales e túneis. Paredes sem reboco, tijolos à mostra, parte da cumeeira destelhada. Ela, do outro lado, uma sombra mumificada, vestido em tiras, que fora branco e de babados.

Olhou em direção à sala de fora. A parede desmoronada do corredor atrapalhava. O que restara da porta batia e batia com o silvar do vento. O capim crescia e répteis perdiam-se, ligeiros, no meio dele.

Na outra direção, o quintal. Levantou-se para vê-lo novamente. Não se dispôs a tanto. Parou a poucos passos. Galharia ressequida, mataria a cobri-lo por inteiro.

Sentou-se e por pouco não cai, que a cadeira, sem o assento de palhinha, se desconjuntara. Segurou-se à mesa, ao que dela restara, tampo solto e inclinado. Na cabeceira em frente, a lembrança dela, na cadeira no mesmo estado, fiapos de pano incolor presos às hastes do encosto. Cacos esparsos de ladrilho. E tijolos soltos e tufo de capim entre seus pés, nas paredes, surgindo das telhas partidas. Os caibros pendentes lá no alto rangiam com o vento.

— Mudou.

Ergueu-se e pisou na ponta de cristal. Guardava o mesmo reflexo de quando parado na cristaleira. Demorou-se longamente a olhar a cadeira em frente, por onde o lagarto subia e descia. Curvou-se em longa reverência.

-- Enfim.

Saiu equilibrando-se sobre tijolos e amparando-se ao que restara de paredes. Procurou localizar o cata-vento. Apenas capoeira ressequida e continuada. Examinou as botas empoeiradas da longa caminhada.

Deteve-se muito tempo em frente, voltado para o monte de escombros. E um pássaro, um apenas, pousou na viga pendente, lá no alto, olhou cada quadrante, alçou vôo para desaparecer.

Suspirou:

— Enfim.

E se foi.

29/17/

A PROMESSA

Puxou-a pela mão:

— Vamos.

Ela se deixou levar. Arrependia-se. Procurou retardar o passo.

— Devagar.

— Você prometeu.

Respirava fundo, cabelos soltos ao vento, feria-se nos galhos do mato cerrado.

Ele caiu estafado na clareira coberta de folhas. Árvore copada muito alta. Puxou-a para si. Enlaçou-a. Rolaram.

— Espere.

— Você prometeu

Conseguiu libertar-se e sentou-se pouco distante dele, trêmula, joelhos abraçados, queixo nos joelhos. Lamentava os pequenos rasgões na calça apertada, o ferimento no braço, no pé.

— Veja como fiquei.

— Você prometeu.

Acordo tristonho

— Não precisava ser bruto.

Aproximou-se de gatinhas para junto dela. Acariciou-lhe o rosto, os cabelos, abraçou-a. Afastou-se rápido:

— Estou toda ferida.

— Não foi nada.

Procurou deitá-la. Resistiu. Usou de força, o peso do seu corpo sobre o dela.

— Você prometeu.

Respiração. Hálito. Olhos nos olhos. Baixou a cabeça para beijá-la. Ela escapou para o lado e o rosto dele foi de encontro às folhas. Deixou-se ficar ali e ela voltou a sentar-se distante. Princípio de raiva:

— Prometeu, não prometeu?

— Desse jeito não.

Sentou-se também. Estudaram-se. Ela, olhos de recuo; ele, olhos famintos, que a fizeram recuar um pouco mais.

Ele apanhou folhas secas, quebrou-as nos dedos, e o vento farfalhava. Ela mantinha a mesma posição encolhida, abraçada aos joelhos. E ele foi se chegando e ela recuando. Ele deu-lhe as costas e permaneceu longo tempo assim. Então o murro no chão, espatifando gravetos:

— Por que diabo concordou?

Quase um sussurro, após o vôo ligeiro da ave:

— Eu não queria assim.

Levantou-se, encarou-a, os braços voaram:

— O convite foi seu. E escolheu o lugar.

O dedo acariciava o ferimento no pé:

— Não precisava ser violento.

— Queria que vissem a gente?

— Estou ferida.

A cólera explodia:

— Arranhãozinho de merda.

Olhou-o tímida, assustada, e ele passeava, mãos nos bolsos traseiros das calças. Então aproximou-se rápido dela, pegou-a pelo braço para levantá-la.

— Não. Assim não.

Largou-a:

— E de que jeito?

— Eu não queria assim.

Desesperava-se:

— Quem começou me provocando no cinema? Quem escolheu o lugar? Quem insistiu, lá atrás da igreja? Pombas!

Mantinha a cabeça baixa, protegia-se agarrada aos joelhos.

— Tenha paciência.

Bateu no peito com os dedos das mãos, apontando-se:

— Paciência? Ontem à noite, quem me deixou quase louco?

Ela afastou as folhas com a mão e começou a fazer pequenos arabescos com o indicador. Ele ia e voltava, punha e tirava as mãos dos bolsos, descansava numa perna, na outra.

— Decida.

A voz sumida:

— Eu não queria assim.

O braço apontou:

— Então vá . . . vá . . . Porra!

Saiu quebrando galhos. Ela levantou-se, afligiu-se, foi-lhe ao encalço:

— Espere.

Não conseguiu alcançá-lo e, ao aproximar-se das primeiras casas, pôs os olhos no chão.

Levantou-os para ele à noite, no passeio do jardim, pegou-lhe a mão:

— Venha.

— Não quero mais nada com você.

— Venha.

E foram. Atrás da igreja em ruínas. Enlaçou-o, beijos sufocantes:

— Da próxima vez. Prometo.

Indeciso, procurou desvencilhar-se:

— Não adianta.

— Fiquei assustada.

As mãos quase meninas subiam, desciam, desnudavam:

— Juro. Juro por Deus.

Totalmente entregue:

— Então aqui.

— É perigoso.

— Onde, então?

— No mesmo lugar.

— Droga.

— Juro.

Os beijos cobriam-lhe o rosto e ele entrava num funil, cirandava.

E foi quase voando, sol alto, dia seguinte, que a conduziu pela mão mato a dentro.

— Devagar.

— Você prometeu.

Caíram, respirando fundo, à sombra copada coberta de folhas. Ele abriu o riso e rolou para ela. O braço não alcançou-a. Deixou-se ficar estirado, suspirando. Ela postara-se distante, abraçada aos joelhos, queixo enterrado neles, trêmula:

— Eu não queria assim.

Pensou em esganá-la:

— Mas você prometeu. Mais do que promessa: jurou por Deus.

Ela permanecia estática. Ele balançou a cabeça, em negativa longa, desconsolado. E sem se dar conta, acercou-se dela, juntinhos, abraçou os joelhos e neles pôs o queixo. Ficaram ali e o vento levantava folhas. Ela acompanhou com o dedo a formiga que tentava subir no pequeno graveto. Subia e caía. Procurou ajudá-la. Ele colaborou. A formiga correu no dedo dela, no dedo dele, e fugiu equilibrando-se na fina haste.

Olharam-se.

Sorriram.

23/1/01

A MISSÃO

Deitou um último olhar na casa deserta, trancou a porta, sopesou a sacola. Ninguém nas ruas e na manhã chuvosa. Pisava indiferente no capim fofo, olhos no chão. Atravessou a praça, fitou demoradamente a cruz no topo da igreja, contornou-a, alcançou o canto de cerca, sapatos enlameados. Pássaros e pingos de chuva. Indiferente à cobra que deslizou entre seus pés e eclipsou-se no capim. A velha ponte de madeira e o riacho crescido de volume com as chuvas da madrugada. E a subida e a descida. E o cansaço. Abriu a camisa, suspirou, e dali, sentado na pedra, via o caminho que continuava. Livrou-se da sacola, puxou o lenço, passou-o com vagar no peito, no rosto, nos braços. Novos pingos, frios, acariciantes. Arrancou o tufo de capim, limpou os sapatos. Guardou o lenço, respirou fundo, bateu nos joelhos, jogou a sacola ao ombro, ergueu-se, encarou o caminho com decisão e calmo balançar de cabeça. Reencetou a caminhada. Poucos pássaros. Ninguém. Uma, outra árvore. Nenhuma cerca, pouca viração. Ainda os pingos, iguais. O caminho alongava-se, estreitava-se, desaparecia no mato fechado. Seria ali. Aberta, porém, a ramagem com as mãos, lá estava o caminho, livre de folhas, limpo. As pernas foram se tornando pesadas, os passos lentos, as paradas para descanso mais continuadas. Arriou-se no tronco caído e demorou-se.

pernas estiradas, dores nas coxas, nos tendões. Desceu do ombro a sacola, curvou-se para tirar os sapatos. Desistiu em meio ao gesto. Pôs as mãos nos rins, curvou-se para trás, ligeira careta. Abriu os braços. Pequeno exercício de respiração. Enxugou o suor, lenço embolado na mão. Nem pingos, nem nuvens carregadas. Calor sufocante e muita sede. O caminho plano, presente, sem acidentes. Encarou-o com a mesma determinação. E continuou, decisão redobrada, passos lépidos, que logo se tornaram trôpegos e lentos. A cachoeira, de repente, na curva. Dessedentou-se, meio banho prolongado, camisa encharcada. Tirou os sapatos, as meias, arregaçou as calças, lavou as pernas e os pés. Um refrigerio. Recompôs-se. O caminho subia e descia muito, uma gangorra estreita e de pedras pontiagudas. Galharia chicoteante e áspera. Largou-se no barranco. Torpor, sono e fome. O caminho seguia, plano e convidativo. Olhou para cima e o sol descambava. Pequenos rasgões na roupa. Arranhões nas mãos, nos braços, no rosto. Quase cochilo, abraçado à sacola. Despertou com o vôo rasante da ave de asas longas. Respirou e respirou. Mais desalento que convicção. Passos cadenciados, sem pressa, uniformes. A progressão seria menos rápida, mas vantajosa. Andou, andou, e a uniformidade foi perdendo o ritmo. Uma perna atrapalhava a outra. Difícil controlá-las. Anoitecia e os passos não eram mais passos. A lua surgiu enorme, pela metade, depois inteira, claridade que caía em cheio sobre o caminho que o levava além. Examinou. E duvidou mais uma vez se valeria a pena. Livrou-se da indecisão, armou-se de forças e continuou sob o luar, vencendo a noite, a galharia, o caminho fechado, aberto. Indiferente aos tropeços nos seixos, aos répteis ligeiros e chiantes sob a camada de folhas secas. Transpôs todos os obstáculos, com decisão tamanha, que só ao amanhecer se deu conta de que tudo girava, o chilrear dos pássaros zumbia-lhe nos ouvidos, os sapatos rotos e as meias ficaram para trás, a roupa transfor-

mara-se em trapos pendentes. Caiu de bruços, abraçado à sacola. O caminho flutuava. Seria o fim de tudo não fosse a imprecisão do vulto que divisara adiante, plantado no meio do caminho. Palpitou. Alento nascido de forças que não mais existiam levou-o, praticamente rastejando, a aproximar-se. O vulto delineava-se. Não saberia precisar se ia em sua direção ou se ambos se buscavam. Um tormento os últimos passos, abraçado à sacola. Jogou-se, num impulso, e abraçou-se à madeira roliça. Descampado para os quatro lados. Atrás e à frente a estrada sem fim. Olhou para o alto. Quase no topo a haste transversal, como braços abertos. Muito alto para alcançá-la. Altura nunca esperada. Abriu a sacola, tirou dela os grandes pregos, o martelo e o cipó fino, enrolado e espinhento. Arrumou-os com cuidado junto aos pés. Não voltou a olhar para o alto, para o travessão que projetava grande sombra com o sol que subia. Lembrou-se da casa deserta, onde trancara seu mundo. E abriu o tímido sorriso, que se foi com o sopro do vento. Encostou-se, lívido, à madeira roliça e pétrea, firme no meio do caminho. Ali ficou à disposição: sua cabeça, suas mãos, seus pés. Nada mais poderia fazer. Cumprira sua parte. Esperaria sempre.

A outro qualquer caberia terminar a tarefa.

Handwritten notes:
Cunha
mao
30

A SOMBRA

Haveria de pegá-lo, de tal jeito que o afastasse de vários jogos. Ou o quebrasse definitivamente. O revide frontal seria impossível. Não teria físico para tanto. Disciplinadíssimo. Atropelara-se naquela montanha de músculos. Justificava-se, humilde e cheio de ódio. Fizera ver ao juiz as inúmeras faltas sofridas. De nada servira a solidariedade do capitão do time, dos companheiros. Cartão amarelo. O jequitibá lá no chão, contorcendo-se de dor nenhuma, cena pura.

Aquilo vinha de longe, desde que passara a titular e subira como foguete no conceito da torcida e dos adversários. Bola no seu pé era fila de jogadores estonteados e pânico nos zagueiros.

— Lá vem ele.

Advertiam-se, a defesa se fechava, o goleiro estourava as veias do pescoço, aos gritos, correndo de poste a poste. Vibração ensurdecidora no estádio. E ele ia. Liso, rápido.

Contra aquele adversário, porém, nunca. Um suplício. Dois metros, nenhum futebol, colado. Recuava, deslocava-se para o centro, seguia as instruções do técnico, a gritar-lhe, mãos afuniladas na boca:

— Vá para a direita!

Inútil. Dois metros ali perto, uma parede. Alcançasse a bola, de nada adiantaria o rodopio rápido para safar-se. A perna enorme interpunha-se e jogava-o para o ar. E do ar ia ao chão em baque surdo. Vinha o capitão, o time todo, técnico e diretores invadiam o campo, e o juiz, impassível, apontava apenas o local da falta.

E porque atropelara-se na montanha, uma única vez, recebeu cartão amarelo. Peitada tola, que ele era ninguém diante do brutamontes, artista, a contorcer-se e a roiar na grama. Despiste tão grande que vieram os padioleiros. Tão rápida a dor se foi, que maca e médico se retiraram. Os colegas solidários, diretores, técnico. E o impropério ao juiz:

— Filho da puta!

O juiz olhava e olhava para descobrir de onde partira o insulto e só vira bocas silenciosas. Os adversários recriminavam, desrespeito à autoridade, pediam punição mais sumária, cartão vermelho. E ele, nenhum físico e muito futebol, apontado, acusado. Recuava:

— Eu?

O ódio aumentou quando, na confusão, o paquiderme, novo em folha, piscou-lhe o olho. Ódio tão grande que desceu a vista e viu, pela primeira vez, o tamanho dos tornozelos dele. Ótimo para atingir o direito, um dia, em cheio. Haveria de pegá-lo e levá-lo ao estaleiro por bom tempo. Ou alijá-lo do futebol.

No vestiário, técnico, diretores, jogadores, iam e vinham, o juiz julgado por todos:

— Canalha.

Ele sentado, suado, camisa grudada ao corpo, olhos nas chuteiras, na ponta delas o mocotó roliço. Pega-lo-ia de

jeito, tão rápido e preciso que ninguém veria. Desmoronaria a montanha. Necessário manter a calma, cabeça fria. O dia chegaria. O torneio ia a meio.

O goleiro, ao lado, bateu-lhe no ombro:

— Você fez mesmo aquela falta?

Despertou:

— Eu?

Vieram novos jogos, adversários fracos, adversários fortes. Passou por todos eles, bola dominada, uma flecha. Estádio em delírio. Faca cortando manteiga. Carimbou traves, inúmeros passes transformados em gols, chutes desperdiçados pelos companheiros, cara a cara com o goleiro. E as bolas na rede que ele próprio para lá mandara.

Multiplicavam-se os abraços:

— Você é demais.

A mesma humildade:

— Eu?

E aproximou-se a ocasião de novo jogo com o mesmo adversário. Lá estariam os dois metros à sua frente, um trator a persegui-lo. E aquele mocotó roliço. Pegasse-o de jeito, mais rápido que um drible, mais forte que um petardo, e tendões se arrebantariam como cordas de violão e o inchaço seria maior que o tamanho da bola.

Na véspera, sonhos confusos: tornozelos bailavam em sucessões contínuas. Durante o café da manhã, os companheiros estranharam-lhe a quase indiferença quando o técnico passou-lhe a mão na cabeça:

— Prepare-se para a seleção.

Não levantou a vista:

— Eu?

Estilhaçaria aquele mocotó. Fizesse-o à vista de todos, tomaria cartão vermelho, escândalo, possivelmente adeus seleção. Encontraria a ocasião. Troco merecido ao piscar de olho malandro. Dois metros de músculos, nada de futebol, grande ator. Quebrava os adversários e ele próprio caía, dor no estômago, na cabeça, na perna, lágrimas nos olhos. Vinha a maca e o gigante pulava lépido.

Ouviu mal e mal as instruções do técnico. Recuasse, corresse pelo meio, despistasse.

— Certo.

E a advertência:

— Não vá enfrentá-lo. Levou cartão amarelo.

Balançou a cabeça, concordando, olhos no chão.

Entraram em campo sob nuvem de papel picado, pipocar ensurdecedor de foguetes, zoeira infernal do público.

Seria perigoso. Estádio lotado. Alguma tolice e estaria perdido. Viria o revide e o trator jogá-lo-ia, num chute, na arquibancada. Olhou-o rápido e até cumprimentou-o. Recebeu, em resposta, um sorriso e o mesmo piscar de olho, do alto dos dois metros. Na base, os mocotós, suportes sobre as chuteiras enormes. Pegaria o direito. Estraçalharia os tendões.

A montanha de músculos ia e vinha, trocava chutes com os companheiros. O juiz conversava com os bandeirinhas no centro do campo. E o medo chegou de repente. Não haveria jeito de pegá-lo. Davi contra Golias. O revide

lhe quebraria a perna e adeus fama, futebol e seleção. Era jogar o jogo, fugir o mais possível, confiar na imparcialidade do juiz, manter a disciplina.

Assim se conduziu no primeiro tempo. Jogo nenhum. O fantasma colado, dez faltas sofridas. A torcida adversária vaiava, vaiava-o. E tudo piorou quando um chute louco do brutamontes foi certo ao pé do número dez. E o pé do número dez, em toque leve, fez um a zero. Pinotes grandes para abraçar o pescoço do paquiderme.

No intervalo, instruções novas do técnico:

— Você está muito parado.

Justificava-se:

— Eu?

Voltou ao campo sem entusiasmo, vencido, torcida muda. Reinício de jogo e a sombra imensa a segui-lo, a atropelá-lo, um inferno. Não via a bola. Via a sombra. Barata tonta. Vaias. O adversário, por pouco, não amplia a vantagem: a bola bateu no travessão e voou longe.

Mais andava que corria.

— Vai! Vai!

Não ia. Pouco adiantava a grita dos companheiros. A sombra era um círculo do qual não saía. Girava dentro dela como um corrupio.

Foi quando o burburinho surgiu na lateral. Os dois times juntos, juiz no meio. Falta qualquer, acusações de ambas as partes. Aproximou-se. O juiz, mão no bolso, ameaçava puxar o cartão, apontava o dedo, ríspido, para um, para outro.

Infiltrou-se na confusão, postou-se atrás dos dois metros. Ali, a poucos palmos, o mocotó. Palpitou. Examinou em

torno. Olhos dos jogadores, dos bandeirinhas, do público, voltados para o juiz, que esbravejava. Imprensado, suado, o emaranhado de pernas e o mocotó ali, bem ali, crescendo, oferecendo-se. Desferiu, sem pensar, chute rapidíssimo, estilete certo, violento. Um átimo, bater de pestana. Enquanto a careta se abria e os dois metros tombavam, meteu-se, enguia lisa, entre os companheiros.

A discussão parou e a atenção voltou-se para o gigante, que urrava e rolava na grama, perna encolhida, pé abraçado, careta de dor, olhos estourados, perfeito animal garroteado. O juiz, desnorteado, girava a cabeça à procura do culpado:

— Quem fez isto?

Os adversários apontavam este, aquele. Defendiam-se, acusavam-se. Uma voz se destacou:

— É fita.

Confusão. Campo invadido. Início de pancadaria. Polícia. Xingações recíprocas. Veio a padiola. E pela primeira vez o gigante saiu deitado nela, contorcendo-se, médico ao lado, padioleiros suportando o peso com dificuldade.

Ele assistia, calmo, braços cruzados, distante do rebuliço. Susto nenhum, para sua surpresa. Humilde. O beque se aproximou:

— Dessa vez pegaram ele.

— Será?

Uma eternidade recomeçar o jogo. O juiz, colérico, ajudado pelos bandeirinhas, não conseguia identificar o culpado:

— Não continuo o jogo se não descobrir o miserável.

Encarava nos olhos um, outro. Chegou a deitar o olhar para ele, sem convicção, porque o viu, como sempre, mirradinho, encolhido, disciplinado, fora da confusão.

O capitão, mãos às costas, perfilado, inocentava os companheiros. Inúmeras acusações recíprocas e ninguém vira nada. A torcida passava das vaias e brigas à impaciência. Assovios. O jogo estava ganho. Poucos minutos para o final. O juiz e policiais livraram o campo dos invasores.

Ele, na ponta, liberto da sombra, corredor aberto, esperava. Ouviu o bandeirinha comentar ao juiz:

— Nem ele, no vestiário, sabe quem foi. Tornozelo muito inchado. Coisa séria.

A bola voltou a girar e o coração pulsou forte. Nenhuma sombra a atrapalhá-lo. Lépidio, lançadeira, presente no campo todo. E na primeira escapada deixou no caminho um, dois, três, lançamento certo na cabeça do número nove, da cabeça para as redes. Metade do estádio em pé.

Os minutos corriam. O técnico, rouco, gritos e mais gritos. E a bola no pé. No giro carrapeteado deixou deitado o adversário. O outro postou-se atento, pernas abertas, impedindo a passagem. Jogou a bola dentro do arco. As pernas se fecharam, uma bateu na outra, e ele, solto, alcançou a bola a centímetros da linha de fundo. Parou-a e jogou-a, com pontaria, jeito e ginga, na cabeça que esperava. Dela foi às redes, goleiro esparramado, boca na grama.

Não ouvia o delírio. Via apenas, uma pluma, o tapete sem sombra. Os adversários, cabeças baixas, mão nos quartos. E mal o juiz trilou o apito, correu rápido para o vestiário. Abraçado, elogiado. Sentou-se, suspirou, calmamente começou a desamarrar as chuteiras. Alegria geral. Vivas. Jogadores e diretores confraternizavam-se. O goleiro comentava:

— O gorila caiu como mamão podre.

O massagista chegou com notícia recente:

— Coisa feia. Levaram ele para o raio-X.

O número seis ironizou:

— Foi picada de cobra.

Interrogavam-se: quem foi, quem não foi. O capitão aproximou-se:

— Ele lhe perseguia o tempo todo.

Ele, olhar de vítima para cada um, mostrou a cada um a certeza da sua inocência.

O chuveiro foi para os companheiros um alívio bom do cansaço.

Para ele, um refrigério que alcançava a alma.

3/5/31
- sobre futebol
em seus comentários
do jogo do dia
10/10 10/10

O SORRISO

— Acabou?

— Claro.

Ele rolou para o lado e estou eu aqui largada na cama, insatisfeita. Uma ducha me fará bem. Levanto-me, acendo a luz do banheiro, olho-me ao espelho. De perto, bem nos olhos, de perfil. O indicador contorna-me o nariz. Ele sempre o adorou. De mentirinha. Um banho me acalmará. Meus olhos pousam no chuveirinho. Palpito. Olho o quarto na penumbra. Lá está ele, calça de pijama, de borco, sono profundo. Tranco a porta, sento-me no banquinho. Abro o chuveirinho e banho de leve os seios. Os filetes escorrem-me pelo corpo e me arrepio toda. A água fria gira em torno do umbigo e minha mão treme. E trêmula ela desce. Abro as pernas e o jato me acaricia fundo. Beijos gelados passeiam e passeiam. Fecho os olhos e ele se aproxima, tismado de graxa, negro como o diamante, abraça-me, acaricia-me, lambe-me o pescoço, os seios, despe-se do macacão e penetra-me, abrasador, até o mais fundo da alma, subo ao céu em fuso veloz, desfaço-me em mil pedaços, que lentamente se recompõem e desço suave, leve se vai ele com o meu último suspiro e na banqueta fico, entregue, sonada, o chuveirinho largado no chão, banhando o ladrilho.

Desperto assustada, pé ante pé caminho até a porta, ele lá permanece na paz de Deus. Tomo uma ducha demorada. Banho-me por fora, lavo-me por dentro. Massageio-me com a toalha felpuda. Olho-me ao espelho e ele me devolve o olhar neutro. Apago a luz, retorno à cama, e ali, ao lado dele, olhos para o teto que não vejo, nada penso. O rosto negro abre-se no sorriso fascinante: “Encho o tanque, madame?” Pérolas alvíssimas cravadas no diamante, que fogem, vêm. diluem-se no aquário.

— Meus Deus. Dormi demais.

Levanto-me, abro as cortinas, o sol me cega, invade o quarto. Cama desfeita.

— Já se foi.

Ali a marca do corpo dele no colchão. Dorme de lado, de costas para mim. Tão de repente a mudança, sem explicação. Nem três meses de casados. Ainda trago marcas de suas mordidas no pescoço e nos seios. O corpo dele sobre o meu, dias, semanas, seguidas noites praticamente dentro de mim. E a frigidez de repente. Penetrando-me e penetrando-me, martirizando-me, o pensamento decerto voando para as galinhas do seu escritório. Não pergunto, não perguntarei nunca, o motivo da mudança. Desconfio. E não conheço as sirigaitas, sempre batendo na máquina, como colegiais bem comportadas? Sem contar as minhas amigas, todas de olho nele. Não adianta continuar espojando-se em mim como um porco. Sinto nojo. Tenho o meu orgulho. Não abrirei o bico a ninguém. A notícia iria de boca em boca, voaria mais rápido que um foguete. Só quero ver onde isto vai dar. Porque um dia a casa cai.

Depois deste banho demorado, bem vestida e bela como estou, bastaria um leve sinal de dedo para que os melhores

rapazes da cidade viessem em fila. Um dia ele terá de explicar sua atitude e então veremos.

E o diabo desta empregada não aprende nunca:

— O café está frio. Uma droga. Volto para o almoço.

Minha fuga aos seus abraços, às suas conversas sem fim, aos seus beijos que me dão vontade de banho imediato, são esses passeios matinais. Um lenitivo. Corro toda a cidade e gasto muita gasolina. Ele não reclama nada. Ri. E me dá mais e mais dinheiro. Uma maneira de tentar quitar um pouco suas culpas.

O tanque está vazio. Preciso enchê-lo no posto. O sorriso dele é fascinante. Lá está, no macacão sujo de graxa, cortês e solícito com os fregueses.

— Bom dia, madame.

— Bom dia.

— Encho o tanque?

Confirmo. E não posso deixar de retribuir este sorriso alegre no rosto escuro, marca de graxa na testa, macacão com muitos remendos, dois metros de músculos. Minhas mãos tremem. Controlo-me. Assim desde a primeira vez. É abrir o sorriso e o frio descer-me pela espinha. Sou muito afeiçoada às pessoas humildes que trabalham honestamente. É este coração mole.

— Pronto, madame.

— Ahm.

— Tanque cheio.

— Ah, sim. Tome. Tire aqui.

O toque dos dedos dele nos meus, ao passar-me o troco, provoca-me essa descarga elétrica. É esta taquicardia. Nasci para ajudar os pobres.

— Está doida?!

Por pouco não levo o carro de encontro ao poste. Também com este trânsito maluco. Vou dar mais algumas voltas pelo parque e voltar para casa. Melhor um banho de piscina na casa daquela faladeira. Mente o tempo todo, fala de Deus e de todo o mundo, uma língua de tesoura. Mas preencho o meu tempo. E ando muito e muito desconfiada. Os elogios dela ao meu marido escondem alguma coisa. Vai ver não são apenas as frangas do escritório. Essas minhas amigas me invejam muito. Essa então. Vou acompanhar de perto os passos da cretina.

— Oi!

— Olá, queridinha! Que ótimo você ter aparecido.

— Um banho de piscina. Pode ser?

— Claro. E o gato como vai?

— Trabalhando.

— Coitadinho.

Fingida, cínica, aí de mãos cruzadas ao peito, contrita.

— Vamos entrar, bem. Eu mando o carro para a garagem.

O sol está uma beleza e aqui na borda da piscina nem ouço direito o que ela fala. Ninguém escapa desta língua de víbora.

— Não é verdade, querida?

— Claro.

-- Não quer um creme?

— Obrigada. O sol não está tão forte.

Ela ri e se requebra dentro desse biquíni ridículo, os pentelhos aparecendo. Tenho pena do velho careca, podre de rico, que deve andar com a cabeça pesada de chifres. E o meu marido, sonso como é, deve ter contribuído para isto.

— Por que não almoça comigo, querida? O meu doce de coco viajou.

Poderia ficar por aqui, gozando este sol. Pelo menos não vou enfrentá-lo mais uma vez à mesa, falando, pondo comida no meu prato, em gentilezas feitas de despistes.

— Não vou atrapalhar?

— O que é isto, meu bem? Já disse que o doce de coco só chega à noite.

Doce de coco. E não fica vermelha.

— Vou telefonar para casa avisando.

— Que bom!

Meus ouvidos estão doendo do matraquear durante o almoço e a tarde inteira. Não cansa nunca aquela mulher. O seu doce de coco é sem dúvida um santo. E enfrento agora este trânsito horrível. Esqueci-me da hora. Ele não reclamará nada. E mais aborrecida fico eu porque, chegue a hora que eu chegar, recebe-me com aquele sorriso maroto. Não pergunta por onde ando, o que faço. Eu não devia ter me demorado tanto ouvindo o blá-blá-blá daquela língua de trapo. Que culpa tenho se pego um trânsito que não anda? E não podia guiar com o pára-brisa sujo. Fui obrigada a voltar ao posto.

— Alguma coisa, madame?

— O pára-brisa. Limpe o pára-brisa.

— Parece que está limpo, madame.

— Limpe mais um pouco.

— Às suas ordens, madame.

Sorriso igual àquele nunca vi. E desta vez, esquisito, foi abrir o sorriso e me molhei toda. A culpa é dele, que não me satisfaz, como nas primeiras semanas. Continua a se espojar em cima de mim, fica até mais tempo dentro de mim, mas não é como antes. Dá-me vontade de empurrá-lo para longe. O melhor ele dá para o poleiro do escritório e às putas minhas amigas.

Só as luzes da copa e do nosso quarto estão acesas. O carro dele na garagem. Carrão. Deve tê-lo usado para cama muitas vezes.

Passsei muito da hora, reconheço.

— A senhora vai jantar?

— Não. Ele já subiu?

— Já.

Subo vagarosa, enfrentar mais uma vez o sacrifício. Abro a porta e lá está ele deitado, calça de pijama, nu da cintura para cima, lendo.

— Olá.

— Oi, querida.

Não fala? Não pergunta por onde andei? Lendo, fumando esse cigarro horrível.

— Tudo bem?

Eu aqui me livrando desta calcinha molhada e ouvindo a ironia.

— Venha cá, querida.

— O quê?

— Venha.

Aproximo-me da cama, calcinha mudada, camisola leve, cantarolando indiferente. Deito-me tensa, vontade louca de explodir. As mãos sobem pelas minhas pernas, como enguias. Por muito pouco não o repilo. Isto não pode mais durar muito. As mãos alcançam-me as nádegas, os pêlos.

— Você está cheirosa.

As mãos continuam a acariciar-me e vão me despindo. Deita-se sobre mim. Olha-me na obscuridade e ri. Duas fileiras de dentes lindos no rosto de diamante. E como as mãos são grandes. E como ele pesa. Dois metros de músculos. Livra-se do macacão, já despido até o peito. E este rosto tisonado, e estes ombros largos, e este riso, e este abraço, e este suor, e esta língua no meu ouvido, deixam-me louca. Abrome toda e cravo as unhas nas suas costas. Penetra-me fundo e trago-o mais para mim, cruzando as pernas no seu dorso negro, como tenazes. Invade-me toda com seu sorriso, seus músculos reluzentes.

— Rasga-me, querido. Quero mais. Não pára, não pára nunca.

Desci ao fundo do poço e dele voltei muitas vezes para respirar, sufocada, sem ar, até me sentir vencida pelo cansaço. E ele vai saindo de mim lentamente, fugindo em espiral, diluindo o riso encantador. Sinto-me exausta, pálpebras pesadas.

— Nunca você foi tão ótima, querida. Puxa.

Estou com muito sono. E ele continua falando, o mesmo despiste malandro, ajeitando a calça desse pijama

ridículo. Deve dizer o mesmo palavreado todo à galinhagem que o cerca e que a mim não mais convence.

— Cheguei a pensar que o carro que lhe dei de presente estava mudando o seu comportamento. Perdoe.

Por que não pára de falar, demônio? E agora me lambuza com um beijo na testa.

— Durma, querida.

A mão negra e sensual acaricia-me os cabelos molhados de suor. Sinto-me em grande paz. O sorriso, no rosto de diamante, sujo de graxa, vai fugindo, fugindo. Como é lindo o sorriso dele.

— Boa noite, querido.

6/5/81
- eistico

A CIRANDA

Para *Maria Clélia*

Entrou no capão de mato e ali ficou, enrolando as mãos suadas, pincelando os lábios com a língua, preocupado com as nuvens carregadas e com ela que não vinha. Sentou-se no tronco apodrecido, cruzou e descruzou as pernas, meteu as mãos entre as coxas e parou o assovio com o estalo de graveto. Levantou-se, despistou examinando as unhas. Os passos se aproximaram. Então virou-se e simulou surpresa:

— Você veio.

— Prometi.

Circulou a vista. Pegou-lhe a mão:

— Vamos sair daqui.

Ela, olhos vivos e irrequietos, deixou-se conduzir. E ele a levou capão a dentro, passos chiantes no chão acamado de folhas caídas.

— Tenho medo de cobra.

— Tolice.

Encostou-a à árvore esguia e não lhe deixou tempo para respirar. Cobriu-a de beijos, acariciou-lhe os seios, ergueu-lhe o vestido.

— Espere.

— Já esperei muito.

Ela procurava acalmá-lo, descendo a saia, entregando-se aos beijos, olhos faiscantes.

— Estou faminto.

— Temos tempo.

Ele afastou-se, trêmulo, arquejante. Ela, olhar penetrante como ele nunca vira, acariciou-lhe o rosto, beijou-o de leve, enlaçou-o com ternura.

— Temos tempo.

Pôs-se ele, apressadamente, a juntar folhas com as mãos, acamá-las. Ela pegou-o pelo braço:

— Levante-se.

Abraçou-o alucinada, desabotoando-lhe às pressas.

— Em pé. Quero em pé. É como uma ciranda.

Foram e voltaram enlaçados, cambaleantes, bêbados, espalhando folhas, partindo hastes secas. Caminharam de encontro ao tronco da árvore.

— Em pé, não.

Ela, olhar febril, partiu para carícias diretas, descia as mãos. subia as mãos, erguia a própria saia, segurava-o firme pelos cabelos.

— Em pé.

Valeu-se de muito esforço para libertar-se. Estudou-a. Ela estudou-o, olhos explodindo das órbitas. E a calma veio chegando. Ele apontou para a cama de folhas:

— Deitado é melhor.

Ela acariciava o tronco da árvore:

— Em pé.

Procurou convencê-la, abrindo os braços, apontando para as folhas convidativas, girando em torno dela. E ela, colada à árvore, abraçando-a, permanecia muda, arfante. Encarou-a com mais cuidado:

— Você é estranha.

— Em pé. É como uma ciranda.

Tentou desprendê-la da árvore e não conseguiu. Então encostou-se nela, voltou às carícias, e ela enroscou-se nele, desesperada.

— Em pé. Pelo amor de Deus, em pé.

Afastou-a com dificuldade, rasgão na blusa.

— Não.

Ela ajeitou o vestido, a gola amarrotada, os cabelos, ódio na postura espigada, nos olhos parados.

— Ele também nunca conseguiu.

Encarou-a surpreso:

— O seu marido?

— Nunca conseguiu. Como você.

Ele caminhou a esmo, soqueou a palma da mão.

— Porra.

Ela deixou-se escorregar junto ao tronco e ali ficou parada, os olhos buliçosos. Ele olhou demoradamente o acamado de folhas e partiu. Ela foi-lhe ao encalço. Procurava detê-lo e ele se libertava. Segurou-o firme na vereda estreita, galhos finos a atrapalhar.

— Aqui. Rápido. Em pé.

Se ele não conseguiu, ela conseguiu.

— Solte-me.

Empurrou-a para o lado e seguiu caminho. Ela a dois passos dele, o hálito alcançando-lhe a nuca:

— Nulo. Como ele.

Procurou não dar ouvidos, mas o hálito morno persistia:

— Sempre desconfiei. Tal como ele.

O tapa acompanhou o girar rápido do corpo:

— Me esqueça.

Ela refez-se do meio tombo, olhar alucinado:

— Não fica assim.

Ele ia longe, e assoviou, mãos nos bolsos. Ela bifurcou por outra vereda e na saída do capão de mato tomaram caminhos diferentes.

E mal se cumprimentavam quando ele descia do jipe e vinha discutir com o patrão problemas da fazenda. Ficava à espera, na entrada do alpendre, chapéu a girar nos dedos. E se sentiu quase em pânico quando, na manhã nublada, enquanto aguardava que o fazendeiro trouxesse papéis do escritório, ela passou e foi incisiva:

— Dou-lhe outra oportunidade.

Os dias se passaram e os cumprimentos continuaram formais. E na tarde quente, no galpão de rações, ao deslocar engradados, viu-a de braços cruzados no canto em meia-sombra. O engradado espatifou-se aos pés.

— Ele viaja hoje.

Ali, pétrio. Ela uma estátua.

— A janela fica encostada. Depois das onze.

A curiosidade foi grande:

— No seu quarto?

— Nele.

— Na cama de vocês?

— Veremos.

Ouviu, sem compreendê-las bem, as ordens do patrão, antes que ele entrasse no carro e se fosse. Não acompanhou com atenção a ordenha da tarde. Pouco comeu. Saiu do pequeno alojamento e ganhou a escuridão. Ponta de medo. A aventura, que prometera delícias, tomava rumos inesperados. O fascínio também por isto. E o medo. Entre ambos esperou, sentado ao pé da amoreira, que as horas passassem. Elas não passavam e a indecisão aumentava. E só quando as luzes da casa foram se apagando é que lhe feriu o cérebro como um estilete a possibilidade de cilada. O ritmo do coração acelerou, o suor frio porejou na testa, nas mãos, nas axilas. Retornou, pânico, ao pequeno quarto do alojamento, no exato momento em que a última luz, a da alcova, como um sinal e um convite, se apagava.

Estirou-se na cama, indecisão atroz de ali permanecer ou retornar, galgar a janela e deliciar-se, na oportunidade única, dentro da alcova que sempre vira de portas cerradas. O vento lá fora e a luta consigo mesmo levaram-no ao torpor intermitente de alerta e pesadelo. E quando o pesadelo conduzia-o a sono mais tranqüilo, o ranger da porta, ao abrir-se, trouxe-o de volta à plena consciência e ele sentou-se na cama.

— Quem é?

O vulto deslizou rente à parede e parou ao canto dela. O braço dele estendeu-se para o interruptor da luz.

— Não acenda.

Pôs-se de pé num segundo. A luz da lua que penetrava pela porta aberta desenhava-lhe imprecisamente o vulto.

— Feche a porta.

Viu-se paralisado.

— Feche.

A escuridão caiu total.

— Venha.

Junto dela, nulo, abraçado, beijado. E o que fora furor de paixão transformou-se em aversão. As palavras não vinham, ação nenhuma, enquanto as mãos ligeiras subiam e desciam no desespero de encontrá-lo.

— Falei para ir. Não foi. Então eu vim.

O hálito, aquele hálito, borrifava-lhe o pescoço. As mãos trabalhavam alucinadas, centopéias por todo o corpo. Conseguiu apenas repetir o que já afirmara:

— Deitados.

As mãos eram enguias que lhe desfibravam os nervos.

— Em pé. Quero em pé.

As mãos eram enguias que lhe atingiam os ossos, a medula, a alma.

De repente, o empurrão jogou-o de encontro à parede em frente.

— Nulo. Como ele.

A voz, entre suspiros, lhe chegava sibilina, lâminas a penetrar-lhe os ouvidos:

— Nulo. Nulo.

O hálito, aquele sopro morno, atravessou o quarto, alcançou-lhe o rosto, penetrou-lhe os poros:

— Quero em pé. É como uma ciranda.

As palavras cirandaram em vôo rápido e ele nunca soube se o que girava eram as copas das árvores do capão de mato, o quarto estreito dentro da escuridão ou o fuso veloz que o jogava para dentro de si mesmo.

7/5/31
- relaciona + homem - mulher

A CONFISSÃO

— Viva.

— Cheguei hoje.

— Não ia demorar?

— Ia.

— Você está diferente.

— É.

— O que houve?

— Vamos andar que te conto.

— Tem muita gente.

— Vamos andando.

— Tudo bem.

— Que situação, meu amigo.

— O que aconteceu?

— Oi, você vai bem? Ah, desculpe se lhe pisei. Essa gente não aprende a andar neste jardim.

— Vamos ali para junto daquela árvore.

— Não. Prefiro andar. Estou nervosíssimo.

— Estou vendo.

— E esta confusão.

— Já viu domingo diferente aqui?

— Vamos andando que te conto. Nem chego a acreditar.

— Ui, perdão, mocinha. E então? Já contornamos a metade da praça e você não abriu o bico.

— Quando eu abrir você cai de costas.

— Vomita logo, cara.

— Olhe como estou nervoso. Me dá vontade de sair correndo.

— Conta.

— Somos amigos há quantos anos?

— Sei lá.

— Você conhece bem a minha mulher.

— O que houve?

— Não olha por onde anda, sujeito? Vai, vai andando mais rápido com a tua namorada ou cai fora do jardim.

— Mas o que está havendo? Ele não teve culpa.

— Até a iluminação neste jardim é uma droga. Olá, meu querido, como vai sua filha, melhorou? Ótimo. Vamos indo.

— Já demos toda uma volta.

— Vamos continuar andando que te conto. Estou uma pilha.

— Então desembucha logo senão caio fora desta pro-
cissão.

— Você vai cair de costas.

— Andou bebendo?

— Nunca bebo, você sabe.

— Então, porra. Que raio de conversa mole é essa?

— Mais devagar, tem muita gente.

— Estou sufocando.

— O sufoco ainda não veio. Espere.

— Estamos no meio da segunda volta.

— Você conhece a minha mulher.

— Não, nunca a vi.

— Estou falando sério.

— Então deixe de frescura.

— Pois se prepare para a bomba. É a primeira pessoa
a saber.

— E então?

— Quem mora naquele palacete?

— Que merda!

— Quem mora nele, diz?

— Se eu não te conhecesse jurava que andou bebendo
ou está drogado.

— Diz, diz quem mora lá?

— O bispo. É o que queria ouvir?

— Ele mesmo.

- Ele mesmo o quê?
- Fique calmo. Eu é que tenho motivo para estar uma pilha. E não pára. Vamos andando. Não consigo parar.
- Você ficou louco.
- Não pára. Não pára.
- Vou embora. Depois a gente conversa.
- Fique comigo, pelo amor de Deus. Estou uma pilha de nervos. Desculpe o encontrão, minha senhora.
- Segunda volta completa.
- Pois ouça lá: minha mulher é amante dele.
- O quê!
- Não pára. E pode escancarar a boca como quiser.
- Não acredito.
- Por que acha que voltei da viagem antes do tempo?
- Um absurdo. Você está louco ou sonhando.
- Com o bispo, sim.
- Jura?
- De todas as maneiras que quiser.
- Deus do céu.
- Amantes, meu amigo, e há muito tempo. E não pára de andar. Eu é que estou me segurando para não sair correndo.
- Mas como foi acontecer isto?
- Pergunte aos dois. A minha desconfiança vinha de longe.

— Perdão, garoto, pisei sem querer. Não acha melhor sairmos daqui e você me contar tudo fora deste inferno?

— Estou muito inquieto para ficar parado. E fora da multidão posso perder a cabeça.

— Meu Deus.

— Hum. Hum. Não é choro, não. É a emoção.

— Acho melhor sairmos. Quem sabe um calmante.

— Se não quiser me acompanhar, vou continuar girando no meio desta gente sem parar.

— Está bem, está bem. Mas como foi isso?

— A história é comprida. Você vai saber dela com detalhes. Não só você: a cidade toda. Vai cair como um vespeiro.

— É incrível.

— Aquelas visitas ao palácio, à igreja, aquelas festas todas. Começou por aí.

— Meu Deus do céu, ela é diretora das Senhoras das Obras Pias.

— Para facilitar o caminho da sacanagem dos dois.

— Definitivamente não acredito.

— Pois acredite. E vocês aí na frente estão andando muito devagar. Abram passagem ou saiam do meio.

— Calma, calma.

— Não aperte o meu braço.

— Você quem apressou o passo.

— Não consigo me controlar.

— Insisto em sairmos daqui. Vamos lá para casa.

— Não, não. Quero andar. E vou acabar correndo feito louco.

— Quer que eu chame mais um amigo? Ajuda.

— Não, não.

— Controle-se.

— Peguei os dois se beijando, se esfregando.

— Não!

— Na maior sacanagem.

— Quando?

— Não faz uma hora.

— Agora?

— Contornei o riacho, entrei no pomar do palácio, e lá estavam os dois: o excelentíssimo e reverendíssimo senhor bispo e a minha ilustríssima senhora.

— Não se enganou? Tem certeza?

— Me julga idiota?

— É que é absurdo, inacreditável.

— Verdade verdadeira.

— Pare.

— Vamos continuar andando. Minha cabeça está estourando.

— Pare, pare só uma pergunta.

— Não, não consigo parar. Sai da frente, moleque.

— Devagar. Você empurrou o menino.

— Tudo bem. Tudo bem.

— O que você fez?

— O que eu fiz? Saí correndo como um idiota. E continuo me controlando para não sair na disparada feito louco.

— Continuam lá?

— Não sei. Nem voltei para casa. Puta desgraçada. Bispo do inferno. Devia ter liquidado os dois.

— Cabeça fria. Calma.

— O que é que eu faço?

— Não levante os braços. Estão olhando.

— Mas o que vou fazer?

— Você está pisando nas flores dos canteiros. Volte.

— E agora?

— Venha cá, rapaz. Controle-se.

— Solte o meu braço. E agora?

— ?

— E agora?!

*o meu braço
do bispo
se desloca
9/5/71*

O VENDEDOR DE BILHETES

— Puxa.

Trancou a porta, encostou-se nela, respirou fundo e livrou-se do capote puído. Sentia a vibração das paredes.

— Este vento.

Soprou as mãos entorpecidas. Acendeu o lampião. E das sombras recuadas surgiram o catre, a cadeira, latas, o velho baú, quatro paredes de tábuas mal ajustadas, pedaço de espelho preso em velhos pregos retorcidos. Aproximou o capote da chama vermelha e examinou-o. Apanhou a caneca d'água do pote que permanecia na obscuridade e passou a esfregá-lo em alguns pontos.

— Este barro.

A água molhava e desfazia as manchas.

— Pronto.

Pendurou-o, embrulhou-se na velha manta tirada do baú, apanhou o lampião, jogou-se no catre, sono de pedra.

Ao virar-se, dores no corpo, abriu os olhos. Raios de luz infiltravam-se através das muitas gretas. Pássaros próximos. O vento. As paredes paradas.

— Dormi demais.

Sentou-se, o catre gemeu. Estendeu as pernas. Levantou-se, bocejou, abriu a banda da janela e dali do morro, onde o pequeno barraco parecia despencar, viu, lá embaixo casebres desarrumados como brinquedos. Meninos corriam, mulheres estendiam panos. O caminho coleante, entre pedras, do barraco até lá; por trás dele, outro caminho, escorregadio, quase perpendicular, precipício, chegava à rua asfaltada.

Sacou do bolso o relógio de reflexos dourados.

— Como dormi.

Apressou-se. Vestiu o capote, molhado ainda em alguns pontos. Pôs o chapéu, examinou em volta, giro de calcanhar, guardou a manta, saiu para o tempo, trancou a porta, contornou o barranco, e lá se foi cuidadoso, alpinista, escorregando pela vereda íngreme, praticamente paredão, evitando testemunha, punhado de bilhetes sacados do bolso interno do capote.

— Cobra. Leão.

Alcançou o asfalto, capote com novos rasgões e manchas, bilhetes estragados, mão ferida.

— Arre.

As primeiras casas elegantes. No ponto do ônibus desceu o chapéu e a ninguém ofereceu a sorte. Sentou-se no último banco e encolheu-se. Quadras depois, levantou-se, passou rápido pela roleta, desceu próximo ao terreno de árvores frondosas. Meteu-se entre elas. O muro alto e o portão. Tirou a chave e abriu-o com cuidado. O cachorro latiu e logo o reconheceu.

— Quietos.

Trancou-se no quartinho pegado à garagem e se demorou. De lá saiu depois um homem novo em calção de banho e jogou-se na piscina. Retornou enregelado do mergulho. Descansou na borda, queixo trêmulo, friccionou-se com a toalha felpuda e dirigiu-se à porta da cozinha, para sua surpresa aberta. A criada justificou:

— Cheguei mais cedo.

Encaminhou-se ao andar superior:

— Madruguei também.

Voltou para o café. Mesa enorme e sozinho.

— Volto à noite.

Tirou o carro da garagem e se meteu no trânsito. Viu o amontoado de casebres e, lá no alto, sentinela no topo, o barraco cai-não-cai.

Entrou no escritório, passadas rápidas, muitos cumprimentos recebidos, poucos respondidos. Instalou-se na larga cadeira e pôs-se a girá-la. No porta-retrato a figura maltrapilha, capote longo. Ficou a fitá-la.

Atendeu ao chamado da secretária:

— Mande entrar.

O amigo saudou-o.

— Sente-se.

O amigo abriu a pasta. A mão espalmada conteve-o:

— Agora, não.

O amigo fechou a pasta e ele continuou a girar a cadeira e a olhar a velha fotografia.

— Este era meu pai, sabia?

— Sabia.

Absorto, encostou-se ao espaldar da cadeira. Fitava o retrato, olhos semicerrados.

— Pois é. Vendia bilhetes. Encontrei isto num velho baú.

O amigo estranhava a conversa àquela hora, repisada inúmeras vezes.

— Você me contou.

— Pois é.

Abriu o leve sorriso:

— Uma experiência fascinante.

— O quê?

Suspirou fundo, levantou-se, a cadeira rodou sozinha, olhou através da janela:

— Fascinante.

O amigo, bico do sapato em compasso, guardou silêncio.

Desconversou, ligeiro assovio, voltou a sentar-se:

— Muito bem. Vamos ao que interessa.

Discutiram negócios, papéis de mão em mão, o amigo se foi, atendeu telefonemas, recebeu pessoas, despachou ordens, retirou-se tarde.

No carro, o meio cochilo de cansaço. Ao aproximar-se dos casebres, parcamente iluminados, despertou e palpitou. Lá no alto, sozinho, estaria o barraco à espera, sempre à

espera, depois que fugira menino, em passado distante, após a surra, o pai alcoolizado, cinto em punho:

— Toma, moleque. Toma.

A voz pastosa, dentro da noite, morro abaixo, apenas matagal, ressonância explosiva:

— Ainda não recebeu o castigo completo.

Vagou e vagou, aflição desorientada, cidade grande e desconhecida. Que o engoliu, maltratou-o, bracejou para chegar à tona, e os anos se foram.

— Foi duro.

Em casa, meteu-se no banho quente, jantar silencioso, música suave, a mesa uma enormidade.

Comeu pouco. Levantou-se, acomodou-se na poltrona e ligou a televisão. Nada via. Via-se, mais uma vez, parado ao pé do morro, identificando o barraco.

— Não mudou nada. Tal e qual.

Fez perguntas, contratou corretor e o adquiriu de quem provou ser o dono.

— O senhor comprou de quem?

— De um velho.

— Vendia bilhetes?

— Não sei.

— Está bem.

As mesmas tábuas, mais apodrecidas, muitas das quais ajudara a pregar; o mesmo catre, onde tremia de medo dos rncos sonoros, o hálito forte da bebida entrando-lhe pelas narinas, sufocando-o; a mesma estampa colada e desbotada;

o mesmo pedaço de espelho; o baú de folhas e dentro dele, entre velharias, o retrato, a manta e o capote.

— Tal e qual.

E à noite, insone, veio a idéia. Afastou-a. Ela persistiu, persistiu, e ele, sem se dar conta, tomou a resolução. Não foi fácil alcançar o barraco, que a experiência era nenhuma para escalar o terreno acidentado e sem ser visto. Suspirou dentro dele, molhado de suor. Embrulhou-se no capote. A luz imprecisa do lampião refletiu a imagem saída do pedaço de espelho.

— Tal como ele.

Pôs o chapéu e cirandou.

— Tal e qual.

Antes da visita seguinte, passou na casa lotérica:

— Compro todos.

A vereda íngreme era o maior tormento. Necessário porém vencê-la para não ser visto. E dentro do barraco, olhando-se ao espelho, oferecia:

— Cobra. Jacaré.

Vieram os pesadelos, as palpitações. A inapetência. A neurastenia no escritório.

— Está uma droga! Uma droga!

Negócios acumulados.

No dia chuvoso bateu a porta do escritório, silêncio tumular de todos, ganhou a rua, carro em disparada. E sob o temporal entrou em casa metido no longo capote, bilhetes na mão, cinto na outra, ficou a andar em volta da grande mesa:

— Tigre. Coelho.

E cumpriu a promessa há muito interrompida:

— Toma, moleque. Toma.

A criada surgiu, tímida e curiosa, à porta da sala.

Ele, lanhado do auto-suplício, suspirou e largou os bilhetes, que correram livres no assoalho liso; largou o cinto, que se enrodilhou junto à poltrona.

Sentou-se nela, embrulhado ao capote.

E ali ficou.

70/5/91
um tent.
instituído.

O ANDARILHO

Ergueu o braço e o carro passou em disparada. Engoliu poeira. Tossiu e praguejou. Continuou a caminhada à margem da estrada. A mochila pesava e mudava-a constantemente de ombro.

O ponto escuro surgiu muito longe e veio crescendo, nuvem de poeira a emoldurá-lo. Pôs-se a andar de costas, braço subindo e descendo. O sol escaldava e raios cegantes vinham das pedras soltas na estrada encascalhada.

Os contornos do ônibus se definiram. Suspirou aliviado e insistiu mais apressadamente para que parasse. Parou pouco adiante. Correu, protegendo os olhos da nuvem de pó, e dentro do ônibus não viu nada, porque a poeira totalmente o invadira. Saiu às apalpadelas, segurando-se nos bancos e procurando evitar que a mochila batesse em alguém, à procura de um lugar. Por pouco não caiu com o ronco do motor e a corrida veloz em seguida.

Viu-se jogado num dos bancos. Desocupado. Ainda articulou um começo de protesto pela pressa desnecessária. Preferiu acomodar-se, pôr ao lado a mochila, examinar os passageiros e perguntar qual a próxima parada. O pó que entrava pelas janelas abertas era tanto que o cegava. Agarrava-se ao banco da frente para não ser jogado longe. Estirou

o braço e notou que à sua frente não tinha passageiro. Inspeccionou, às apalpadelas, o banco de trás e ninguém. Não via o motorista. Nada via. Tossiu e resolveu, vencendo a velocidade, os solavancos e o pó, perguntar em voz alta por que a pressa e onde a próxima parada. Não chegou a tanto, porque a corrida de repente tornou-se suave, pneus a zunir na estrada sem acidentes, e o vento esgarçava o pó aos poucos. Iam surgindo os bancos, todos vazios. Virou-se rápido e constatou que era o único passageiro. O ônibus entrava em alta velocidade, o vento gelava e escurecia. Planura sem árvores em todas as direções. E o zunir uniforme dos pneus e do motor e a estabilidade completa. O motorista explicaria o motivo da corrida tão grande e da súbita mudança da paisagem. Levantou-se e não deu dois passos. Ninguém na direção. Segurou-se ao banco e apalpou-se para se convencer de que não estaria mergulhado em sonho. Respirou, esfregou os olhos, examinou-se, olhou em torno, e a mochila, ali presente, completou a certeza da pura realidade. Coração aos pulos, valendo-se de toda a coragem, aproximou-se bem perto da direção. Fitou-a, e, à proporção que a fitava, os olhos mais e mais se abriam. A direção girava com agilidade nas curvas e voltava, nas retas, ao ponto de controle quase estático. Com a ponta do pé vasculhou o assento do motorista. Vazio. Então foi recuando, medo crescente, e a velocidade aumentava. Olhou para fora. Escurecia e teria de safar-se dali. Pular fora em tamanha velocidade seria temeridade. Correu a vista, aflito, pelos bancos vazios. O medo virou pânico. Jogou a mochila janela fora e jogou-se em seguida. O baque da queda levou-o ao mergulho profundo, do qual aos poucos foi saindo, dores nos ossos, rosto e braços lanhados.

O calor sufocava, o sol vibrava nas pedras, a estrada cascalhada, pontilhada de buracos, seguia para o horizonte. Ergueu-se, apalpou-se dos pés à cabeça, mexeu os dedos das

mãos e pés, estirou as pernas para certificar-se de contusões mais sérias. Apenas a tontura e dores em todo o corpo, que a queda fizera-o rolar muitas vezes. Não foi curto o tempo para orientar-se. A mochila lá longe, ao lado da estrada. Caminhou para lá, tornozelo dolorido, apanhou-a.

Principiava a duvidar de si mesmo quando divisou, do outro lado da estrada, despontando da galharia seca, uma cumeeira. Entrou na vereda estreita e viu, logo à frente, o pequeno alpendre e o casebre. Nem aves, nem animais. Cauteloso, alcançou o alpendre, olhou para dentro. O balcão, latarias nas prateleiras, a balança, o velho a se balançar na cadeira.

— Boa-tarde.

O velho parecia dormir, a cadeira a ranger ao embalo do pé. Notou que era um velho muito velho, barba branca a alcançar a cintura. Bateu firme com os nós dos dedos no balcão e a voz alcançou tonalidade elevada para vencer a possível surdez:

— Água.

Nada mudava. Apenas o refrigério do vento que chegava do alpendre. Correu a vista pelas latas enferrujadas e tocou na balança de dois pratos, que de enferrujada não oscilava. Tornou ao alpendre. A galharia e depois dela a estrada. A boca grudava de seca, dores agudas no corpo, no tornozelo. Ajeitou a mochila no ombro e resolveu inspecionar em volta. Alcançou o oitão e estacou. Lá estava o ônibus, o mesmo. Ninguém ao volante, nenhum passageiro, parado. Voltou rápido e arrancaria uma explicação do velho. Bateu no balcão, na balança, apanhou um pedaço de tijolo jogado ao canto, atirou-o nas latas e a seqüência de sons desencontrados e estridentes não alterou nada. O velho permanecia o mesmo velho, pé parado, cadeira parada, sono

profundo. Tão profundo e tranqüilo que o atingia, e começou a sentir também as pálpebras pesadas. A sede aumentava. O pó, impregnado nos poros, provocava-lhe coceiras angustiantes. A mochila pesava. O corpo, todo o corpo, e o pé, principalmente o pé, doíam. Recuou e no alpendre recebeu a aragem morna. Lá distante, para os lados da estrada, o vento silvava forte e levantava poeira em novelos. Escorrou-se à pilastra e bambeava de sono. Procurava vencê-lo desesperadamente. Ali no oitão o ônibus à espera. Sem se dar conta, marchou para lá, entrou, acomodou-se nele, fez da mochila travesseiro, e esqueceu.

Mudou de posição e notou que o ônibus varava a noite compacta e fria em velocidade enorme. Os pneus gemiam. Som uniforme, choroso, aflito, que embalava. Encolheu-se o mais que pôde e se deixou ir, mergulhado no aquário, para dele sair, muito lentamente, com o trinado de pássaros que lhe chegava mais e mais aos ouvidos.

Olhou em volta. Amanhecia. E o cão, reconhecendo-o junto ao portão, veio recebê-lo latindo. Acariciou-o.

— Calma.

Não chegou a bater na porta. O trinco girou e ela, longos cabelos louros, olhou-o sem surpresa. Fitaram-se demoradamente. Não a beijou. Entregou-lhe a mochila, passou por ela puxando da perna, que o tornozelo inchara muito. Acomodou-se na cadeira. A mesma mesa, os mesmos móveis, tudo disposto no mesmo lugar.

— Venha.

Ela se aproximou e ele segurou-lhe a mão. Encostou-a ao rosto. Era de que precisava.

— Demorou desta vez.

— Eu sei.

— Por onde andou?

— Depois.

O sono persistia. Poderia a noite descer, o tempo correr, o mundo girar, tudo passar e envelhecer, que aqueles cinco dedos, entrelaçados aos seus, lhe garantiriam, mais uma vez, o porto seguro.

- ilustrado
ou metafórico
13/5/91

A ÁRVORE CAÍDA

do S.W.B.

Acomodou-se na poltrona e ficou olhando, abstraído, o movimento na rodoviária. Notou que alguém se sentara ao lado. E viu que a plataforma se distanciava aos poucos, pela janela desfilavam ruas estreitas, o jardim e casais, o bar e o homem sonolento, a larga avenida iluminada, o cone enorme da árvore natalina entre as duas pistas, a estrela na ponta do vértice.

Os pneus zuniam e o vento enovelava a cortina. Correu o vidro e o vento se foi. Cabeças nas outras poltronas. Uma delas reclinou-se, grito de molas, e a velha fechou os olhos. Os pés ao lado, na semi-obscuridade, as pernas magras e o sorriso no rosto engelhado. Retribuiu em ligeiro cumprimento e voltou o olhar a noite, os postes sucessivos, em segundos medidos.

La fechar os olhos, não pensar nada, quando as pernas ossudas, ali ao lado, cruzaram-se após mãos descarnadas presas aos braços da cadeira levantarem ligeiramente o corpo:

— Vai para casa?

Encarou o riso espalhado e murcho e transmitiu-lhe a afirmativa com lento balançar de cabeça. O riso se desfez.

Notou que o pé esquerdo, bem visível, era bastante semelhante ao do pai. Sapato cambaio. Como os do pai, solas estragadas, expostas ao povo, o corpo estirado sobre a mesa. A mulher aos gritos, aflição medonha, e ele escondido nas saias dela. Só um olho, aberto de espanto, atento aos que entravam e saíam, às vozes e cochichos, à imprecação do homem fardado, meu Deus, logo hoje, que monstruosidade. A pequena árvore de Natal jogada ao canto da sala, espatifada pelos muitos pés que entravam e saíam apressados.

— Vou rever os netos. Todos os anos.

Lá estava, a poucos palmos, o mesmo sorriso, que voltou a se desfazer quando a resposta foi apenas leve confirmação de indiferença. As pernas magras se descruzaram e pareceu-lhe que o bico do velho sapato rebrilhou um instante. Como as velas, uma em cada canto da mesa. As mãos cruzadas ao peito, a camisa maculada de vermelho, o bruxulear de duas delas a alternar sombras e brilhos nos sapatos gastos e sempre bem engraxados. Que os engraxava com prazer, e com muito mais prazer naquele dia, para a noite daquele dia, está bom assim, pai? A aflição da mulher era tamanha que outras mulheres a levaram para a camarinha. Viu-se abandonado no meio de pernas e encolheu-se ao canto da sala, junto à árvore caída. Pequeno gesto para erguê-la, mas os que a massacravam eram muitos e mais homens fardados entravam, o enorme e corpulento, arma na cintura, dava ordens, alteava a voz acima dos cicios, pegamos o bandido, abria os braços, de que adianta, prendemos e soltam. Outro, igualmente fardado, monocórdio, no dia de hoje, Santo Deus, no dia de hoje.

— É longe onde mora?

O sorriso persistia. A resposta, para desfazê-lo, foi mais uma vez jogar lentamente a cabeça de um lado para o outro,

numa única negativa. As pernas, sem sossego, cruzavam-se descruzavam-se. Eram magras como estas. Iguais. Quando chegavam do trabalho vinham cansadas e se estiravam da poltrona para o chão. Os sapatos caíam, um pé ajudando o outro. Calçava-os pela manhã, os indicadores ajudando. E engraxados iam para a rua. Polidos com cuidado, que o seu trabalho era sempre feito com capricho, o senhor vai ver, pai.

— Casado?

Mais uma vez o sorriso. E mais uma vez a negativa silenciosa. Sorria como ele sorrisse quando terminara de prender, com cuidado, as velas de muitas cores na árvore, para acender mais tarde, na presença de todos. Não acendeu a primeira. O fósforo apagou-se com a rapidez da luta. Grito aflito da mãe. Grito aflito de todos. A árvore tombada no chão. O tumulto e gente e mais gente. A saia larga da mãe a única defesa contra todos. E o olho observador viu perfeitamente quando duas mãos riscaram o fósforo, acenderam as duas velas próximas à cabeça, depois as duas lá junto aos pés, e o bico dos sapatos, que ele engraxara com tanto esmero, cintilou como espelho.

— Desce aqui?

Não paravam aquelas pernas. Finas como as que repousavam sobre a mesa. Via-as muito bem de onde estava, no canto da sala, abraçado ao que restava da árvore caída. Procurava protegê-la, prendia-a ao peito. O homem, corpulento e enorme, continuava a dar ordens, falava e falava. Conhecidos e desconhecidos entravam, persignavam-se, Deus meu, como foi isto.

-- Vou continuar. O senhor fica?

Levantar-se foi a resposta. E as pernas encolheram-se para ele passar. Desceu, sentiu-se um instante desnortado,

viu-se perdido na multidão que entrava e saía dos ônibus. Arrependia-se da viagem. Não seria uma volta. A rodoviária, uma cidade estranha. Tomou café, encarou rostos, nenhum conhecido. A caminhada até a casa, fechada há tantos anos. Sensação estranha de medo de revê-la. Ruas conhecidas, ruas desconhecidas. Outra gente. Outra a praça, a igreja a mesma. A casa lá estaria, na ponta de rua. Não mais a rua descalça e cercas. A cidade continuava. Asfalto e iluminação intensa. E de repente a casa, que sempre lhe parecerá tão grande, ali estava humilde e encolhida, falhas no reboco, entre residências modernas. Parou em frente. Porta e janelas fechadas desde a tragédia, silenciosa, indiferente a uma rua e a uma cidade que não mais lhe pertenciam. Neutra e distante das mansões iluminadas. Árvores natalinas em muitas delas.

Junto ao poste deixou-se estar. De lá observava a casa, que não o observava. O homem, na bela casa vizinha, cercado de crianças, cobria a árvore de enfeites.

Ali permaneceria, encostado ao poste, o tempo necessário para duas tragadas. Acendeu o fósforo. A chama chiante caminhou da mão do pai para a árvore no canto da sala, brilhou na ponta do sapato bem polido quando o homem alto e corpulento acendeu as velas quase numa reverência, e estinguu-se lentamente ao chamear-lhe os dedos parados à frente do cigarro.

*14/5/21
- mas, mas bem
realizado do E... -*

A BOLSA

Os olhos para o céu e a chuva fina, em lufadas de vapor. Sob a marquise, ficou a olhá-la, esbelta, lenço colorido amarrado ao queixo, capa e guarda-chuva.

Ele aproximou-se:

— Chuvinha chata.

Olhou-o surpresa e depois apenas olhar de indiferença. Ele sorriu. E ela se foi encolhida sob o guarda-chuva, pisadas rápidas e miúdas, livrando-se das poças d'água. Ele seguiu-a, mãos nos bolsos do paletó, gola levantada. A rua deserta estendia-se, casas fechadas, um ou outro carro lá longe, em passagem rápida na avenida.

Pôs-se bem atrás dela:

— Não dá um jeitinho de me abrigar aí no guarda-chuva, bem?

Ela apressou o passo. Dois-três escorregões dos sapatos altos. E ele colado. E ela, trêmula, olhava em frente.

— Juntinho de você é mais quentinho, querida.

O hálito morno, álcool puro, no seu pescoço. Os carros e poucos ônibus lá na avenida. Os sapatos altos a escorregar. Por pouco não cai.

— Cuidado, bem. Se cair eu seguro.

O escorregão maior provocou a fisgada no tornozelo. Controlou-se para não soltar exclamação de dor. E ele praticamente encostado. E ela, manquitolando, mudou o guarda-chuva de mão e segurou bem a bolsa, pendurada no ombro. Ninguém a tomaria. Paciência de dias, semanas, estudando a casa elegante, a hora de saída e chegada do homem, da mulher, dos garotos levados para o colégio pelo motorista, carro enorme. Trabalho paciente e difícil para entrar na casa, vasculhá-la, sangue frio, atenção nos vizinhos, alcançar as jóias no estojo e jogá-las na bolsa. Suspirou aliviada apenas sob a marquise, duas quadras depois, esperando o tempo amainar. E de repente a presença irritante do bêbado.

— Você é uma belezinha, sabia?

Caminhada difícil, tornozelo dolorido, chuva mais compacta. A mão e o braço prendiam a bolsa contra o corpo. A outra mão a segurar firme o guarda-chuva para romper as lufadas continuadas do vento. Cabo roliço, resistência pétrea. Olhou em torno e o silêncio gotejava das árvores, das janelas fechadas. Chegou à esquina. Ninguém em nenhuma direção e o trânsito diminuto na avenida.

— É um amor. Verdade.

Com safanão livrou-se do braço que se estendeu para envolver-lhe a cintura. A árvore frondosa ali perto, acachapada. Seria lá. Rápido, um segundo. Bolsa tão bem segura que as costelas doíam. Toda aquela fortuna adquirida depois de muitas informações disfarçadas, passeios dissimulados pelo quarteirão, dias seguidos de paciência continuada para conhecer os hábitos dos moradores. E o trombolho agora a atrapalhá-la, depois da aflição por que passara, abrindo e fechando gavetas, armários, em calma e silêncio.

— Que perfume gostoso, minha flor.

O hálito podre na nuca e a árvore, quase esconderijo, ali próxima. Seria o momento. Coração aos pulos. Correu rápido os olhos e só descobriu a cortina de chuva e gotas a cair das folhas. Parou junto ao galho nodoso e copado e com a mesma calma controlada fechou o guarda-chuva. Inverteu-o, cabo para baixo.

— Juntinho ao tronco, amor. Vamos.

Ela olhou-o firme, lapso de segundo, suficiente para notar-lhe a camisa enodada, o terno puído, rosto envelhecido, riso tolo, barba por fazer. E ele, no mesmo espaço de tempo, sentiu-se dividido em fagulhas pelo estilete em brasa que lhe caiu na cabeça. Ainda sentiu, na semi-inconsciência, mais petardos no ouvido, no queixo, no nariz, que o levaram ao fundo do poço.

Ela, braço dolorido das pancadas fortes e contínuas, afastou-se dois passos para olhá-lo ali estendido, filetes vermelhos a descer da testa, do ouvido, do nariz, da boca. Desatou o lenço preso ao queixo e surgiram os brincos e os cabelos pretos e curtos. Dedos calmos limpavam o cabo do guarda-chuva. Guardou o lenço no bolso da capa, soltou a mola do guarda-chuva e ele se abriu num som cavo. Olhou e olhou em volta. E lá se foi, livrando-se das poças d'água, pisando com cuidado para suportar a dor no tornozelo. Via apenas o chão e não pensava nada. E prendia, firme e mais firme, a bolsa à cintura.

Suspirou e levantou a vista, tornozelo menos dolorido, quando a avenida se abriu à sua frente. Carros esparsos passavam chiantes. Pouco trânsito àquela hora da tarde chuvosa. Não olharia para trás. A curiosidade, mais forte, fez com que voltasse a cabeça. Lá distante a árvore frondosa e o vulto impreciso junto ao tronco. Andou para lá e para cá

à espera do táxi que não vinha. Um passou na outra pista. Fez sinal. Ele se foi e ela continuou a pequena caminhada. bolsa à ilharga, o cabo do guarda-chuva a poucos centímetros dos olhos, sem manchas, polido. Andaria algumas quadras, afastar-se dali o mais possível. Dispunha-se a isto quando o táxi surgiu, espargindo água da pista molhada. Fez sinal várias vezes e ele parou junto à guia, molhando-a de salpicos. Abriu a porta e antes de entrar voltou-se ligeiramente. Lá estava, sob a árvore, grupo de pessoas curvadas e outros chegando.

Acomodou-se no banco de trás, guarda-chuva ao lado, gotejante. Com gesto de ombro deixou escorregar a bolsa. Acariciou-a como a uma filha, ajeitou os cabelos, feminina:

— Vamos.

19/5/91

UM SEGUNDO

Desceu do ônibus, orientou-se e, sacola vazia ao ombro, entrou pelo caminho estreito, entre chácaras. Aproximou-se da maior delas, casa alpendrada. Grupo em cadeiras. Desistiu e foi adiante. Estrada deserta. Na curva, telhado vermelho, portão alto e gradeado. Examinou. Apenas um velho acoorado no jardim. Cavalos ali perto, ajaezados. Bateu na madeira. E o velho veio, livrando-se das luvas sujas de terra.

— Bom-dia. Sede, apenas.

O velho estudou-o e ele tirou o chapéu e sorriu. O portão rangeu e ambos caminharam para a casa.

— Belo animal.

Para passeio da filha. Ela e a esposa na vila. Compras. E ele ali estava, como sempre, cuidando do seu jardim. Entraram. Móveis luxuosos. Trinado de pássaros.

Trouxe o copo na bandeja, mas, trêmulo, foi obrigado a pô-lo sobre o móvel mais próximo quando sentiu o cano da arma no ouvido.

— Tudo. Um segundo.

O velho vasculhou gavetas, bolsas da filha e esposa, e ele jogou tudo na sacola.

— Emprésteme o animal. Devolvo.

Passou a perna no cavalo.

— Não saia para o jardim. Cuidado. Fique certo: um segundo.

Lá se foi estrada afora, olhos no caminho sinuoso. Alcançado o campo aberto, esporeou, fez do chapéu açoite e deixou que o paletó, aberto, flanasse ao vento. Parou junto ao asfalto, pulou da sela e olhou a estrada nos dois sentidos. Bateu na anca roliça com a mão espalmada — Uááá!! — e o som do galope foi morrendo à proporção que a silhueta se transformava em ponto escuro lá distante.

Sentou-se na pedra e antes de cruzar as pernas o carro surgiu à esquerda. Ergueu-se, fez sinais continuados com o chapéu e ele não parou. Voltou à pedra, olhos vigilantes. O caminhão à direita. Pôs-se no meio da estrada, braços a cruzarem-se sobre a cabeça, e por pouco não foi atropelado. Sentou-se, levantou-se e estendeu o braço várias vezes. Impacientava-se. Sem muita esperança fez breve sinal ao carro de luxo e, para sua surpresa, ele parou. Correu e abriu o sorriso à moça de óculos escuros:

— Preciso ir até a cidade.

A moça voltou-se para ele e o sorriso dele mostrou-se meigo. Abriu a porta. Sentou-se ao lado dela, que arrancou em alta velocidade. Saia acima dos joelhos. Examinava-a em disfarces rápidos. Pernas longas. Decote pronunciado, seios quase à mostra. Cabelos louros ao vento.

— Obrigado pela carona.

Óculos escuros, olhos na estrada, unhas polidas, firme na direção. Ele brincou com o chapéu, passou o lenço no rosto, guardou-o, olhos nas pernas, nos seios, nos braços,

nas mãos. À frente a estrada bifurcava-se. Desabotoou o paletó e com calma levou a mão à cintura.

— Pare.

Ela sentiu, lábios abertos, o cano junto ao ouvido, e o zunir de freios levou o carro, em derrapada, à beira da estrada.

— Caia fora, anjo. Deixe a bolsa. Um segundo.

Foi jogada fora, atônita, desequilibrada nos sapatos altos. Ele acomodou-se à direção e tomou o desvio que o afastava da cidade. Olhou pelo retrovisor duas-três vezes e ela, um ponto perdido na distância, permanecia no mesmo lugar. Alguns quilômetros adiante cruzou com uma camionete e aumentou a velocidade. Ganhar distância o mais possível. Suava. A estrada de terra, à direita, um alívio. Entrou por ela, poeira enovelando, cegando-o. Ao divisar a pequena estação, meteu o carro mato a dentro, parou-o, tirou da bolsa apenas as cédulas e jogou-as na sacola. Aprumou-se, suspirou, pôs o chapéu e dirigiu-se à estação em passadas firmes.

— Olá. O próximo trem?

Um de carga, dentro de minutos. Um custo, muita conversa, gestos teatrais de aflição, súplica, para conseguir viajar nele. E o assovio de alívio só veio quando se viu no meio de fardos e engradados, ao som do toque-toque nos trilhos.

Chapéu ao lado, sacola entre as pernas cruzadas, voltou a enxugar o rosto, o peito, lenço embolado na mão. Lá fora a paisagem, gado, cercas, e o sono chegando. Encostou-se ao engradado. Despertou com o sacolejar repentino. Pôs o chapéu, sacola ao ombro, entre as frestas os casebres se sucediam, caminhão, carroça, a lagoa, mulheres e panos

estendidos ao sol. O toque-toque mais espaçado. Novo balanço e mais espaçado ainda o toque-toque. Preparou-se. Abriu a porta corrediça e, chapéu no sovaco, sacola bem segura, pulou e correu alguns passos. Viu-se coberto de olhares curiosos. Entrou por uma viela e o trem seguia lento para a estação. Dobrou esquinas, atravessou a multidão da feira e, do outro lado da praça, parou junto ao poste. Orientava-se e se sentia examinado, embora todos estivessem atentos aos pregões. Entrou no bar.

— Café com leite. E pão.

Comeu aos entallos, sufocado entre conversas à esquerda, à direita.

— Quanto devo?

Pagou e deu gorjeta.

— Banheiro?

Foi aos fundos, agradeceu, ganhou a rua e parou na esquina. A igreja, imponente, bem plantada no meio do jardim. Entrou nela, chapéu na mão, fez o sinal da cruz com os dedos molhados na água benta. Se tanto, quinze-vinte pessoas. E o velho que apagava velas no altar. Aproximou-se dele pela porta lateral.

— O padre, por favor.

O braço indicou a sacristia. Entrou nela e o homem calvo, de costas, ainda se livrava dos paramentos. Nem chegou a se virar ao sentir, na nuca, o cano da arma. E o bafo morno:

— Tudo o que arrecadou, padre. Um segundo.

A mão trêmula indicou, ali próxima, a caixa das esmolas recolhidas.

— Abra, abra.

Aberta, recolheu tudo em duas raspagens de mão e não apanhou a moeda que correu no ladrilho e foi bater na perna da mesa.

— Fique onde está e não chame ninguém. É pior.

Saiu pela porta dos fundos e desorientado entrou por ruas estreitas, viu-se novamente no meio da feira, atravessou-a aos encontrões, transpôs os trilhos e encostou-se suspirando junto ao caminhão.

— Para onde vai?

Não ia. Outro iria, logo adiante, carga enorme coberta de lona.

— Para onde vai?

Mostrou notas altas e aboletou-se, encolhido, chapéu sobre os olhos, ao lado do motorista. A sacola bem presa entre as pernas. As manobras para sair da cidade, aproximando-se da igreja, deixaram-no gelado, para depois respirar aliviado o ar do campo, chapéu para cima, estrada pela frente. O motorista puxava conversa, fazia perguntas, e as respostas vinham em monossílabos. Então o silêncio entre os dois e a viagem monótona, marcha lenta.

— Viagem demorada, hem.

Toneladas de peso. Muito perigo. E para evitá-lo, o caminhão desceu a ladeira lentamente, ao anoitecer, as luzes da cidade à frente. Primeiros latidos, primeiras casas. A cidade espalhava-se de luzes. O motorista contornava-a, viajaria parte da noite. À proporção que as luzes iam ficando para trás, preparou-se:

— Fico aqui.

O cano frio no ouvido e a voz pausada:

— Tudo, tudo. E o que dei para a passagem. Um segundo.

Pôs tudo na sacola. O motorista iniciou lamúria sobre a profissão, o peso da família, e veio o corte:

— Continue em frente e não pare. É pior. Obrigado pela carona.

O caminhão continuou a marcha lenta e ele, passadas rápidas, andou por ruas barrentas, alcançou o asfalto, meteu-se no meio do povo e entre luminosos, cansaço e fome. No bar movimentado engoliu pastéis e perguntou, piscando o olho, onde o lugar para uma noitada. Agradeceu a indicação. Nada de hotel. No frege estaria seguro.

Abraçado à sacola, chapéu na mão, circulou entre putas, bêbados, conversas tumultuadas, música, palavras. Entrou na casa quase casebre, sentou-se à mesa, enxotou o cachorro, pediu cerveja. Bebeu-a olhando e olhando. E de lá, entre as outras, para ele ela olhava, risonha. Chamou-a. Beberam uma, duas, várias cervejas. A mão dela, na confusão dos que bebiam, entravam e saíam, por baixo da mesa tateava, subia pela coxa, alcançava e apertava. A mão dele, por baixo da mesa, abria-lhe as pernas e chegava lá. E ela apertava. E ele brincava. E beijos e mãos nos peitos.

— Vamos para o seu quarto.

Luz mortíça, pedaço de espelho, cadeira, pequena mesa desajustada, furo no colchão, manchas nas paredes. Despiram-se. Ela quis livrá-lo da sacola. Impediu-a. E a cama gemeu e gereram. Descanso e leves carícias. Por cima dela, por cima dele, novo ranger e gemidos. Em consequência o sono. Aninhou-se a ele, que nela se enroscou, a sacola por travesseiro.

Mergulho profundo, para dele sair com o clarear. Despertou-a:

— Onde é o banheiro?

Caminhou pelo corredor de muitos quartos, de cueca e sacola ao ombro. Demorou. Descarga prolongada. Voltou e encontrou-a estirada, oferecendo-se.

— Outra ocasião.

Vestiu-se e conversaram. Ela desfiou o rosário de sua vida. Tudo o que conseguira, vinténs amealhados, não daria ainda para a viagem que era a sua esperança, bem distante dali. Nota por nota, contadas e recontadas, dia após dia, mês após mês, no pequeno pote sobre a mesinha.

Sentiu, estirada, apavorada, o cano no ouvido:

— Passe tudo. Rápido. Um segundo.

Estatelada ficou na cama e a mão, nervosa, apanhou o pote, tirou-lhe a tampa, e despejou tudo na sacola. Colocou-o no mesmo lugar. Caminhou cauteloso e abriu a janela que dava para a rua deserta. Petrificada, olhava-o.

— Nenhum pio. Volto e já sabe o resto.

Pulou a janela, pendurou a sacola, desceu o chapéu, dobrou uma esquina, outra, mais outra, e viu a bicicleta e meia porta aberta. Cauteloso, conduziu-a de mansinho, montou-a e pedalou ladeira acima, ladeira abaixo, e molhado de suor viu-se na estrada. Parou, em derrapagem circular. Jogou-a nos arbustos e andou nervoso de lá para cá. Passou um ônibus para a cidade. Depois outro vindo de lá. Abriu os braços e, instantes depois, sozinho no banco, olhava com despiste os poucos passageiros e recebia como um refrigério o vento bom que entrava pela janela.

Cochilos intermitentes durante a viagem toda. Desceu apenas para o rápido lanche. E quando chegou ao destino foi direto ao guichê, adquiriu passagem e aguardou, encolhido no canto, braços cruzados sobre a sacola, o ônibus que o levaria para mais além.

O primeiro passageiro a subir. Acomodou-se. Chapéu e sacola nos joelhos. E praticamente não se mexeu a viagem toda, até a chegada à noite. Foi direto ao balcão, entregou o talão:

— Minha mala, por favor.

Recebeu-a, pagou, informou-se:

— Onde um hotel por aqui?

Dirigiu-se para lá. Preencheu a ficha, trocando nome e dados, e justificou a roupa desalinhada, a barba por fazer:

— Viagem louca por essas estradas.

Hóspedes viam televisão. Poucos no restaurante. Jantou apressadamente, subiu para o quarto, gratificou o empregado.

— Ponha a mala aí.

Sacola e chapéu juntos à cama. Estirou-se nela, olhos no teto, dores no corpo. Nada pensava. Comichões. Do suor, da poeira. As horas passavam. Sons, lá na rua. De repente pulou da cama, banhou-se, meteu-se no pijama e foi ao telefone:

— Às quatro da manhã, por favor.

Foi um sono inquieto, interrompido a cada ruído. Quando o telefone tocou, levantou-se rápido, vestiu a mesma roupa, e de chapéu e sacola ao ombro dirigiu-se à portaria:

— Onde consigo táxi esta hora?

O recepcionista indicou o carro parado em frente, sempre de plantão a noite toda.

— A conta.

O recepcionista preenchia a nota e ele olhava em todas as direções. Ali perto o empregado que trouxera a mala do quarto. E ninguém.

— Banheiro aqui embaixo?

A cabeça indicou um ali perto do restaurante.

— Tá.

Chamou o moço, deu-lhe nova gorjeta e pediu-lhe que voltasse ao quarto. Esquecera papéis sobre a mesa. Via, dali, o motorista cochilando. Recebeu, dedos trêmulos, a nota da despesa. Abriu o paletó, levou a mão à cintura e o recepcionista, ainda sem compreender, sentiu o cano da arma na testa:

— Abra o caixa e dê-me tudo. Um segundo.

O recepcionista, autômato, olhos saltados, puxou a manivela e a gaveta correu. Notas empilhadas nos vários compartimentos.

— Nem um pio.

Debruçou-se sobre o balcão e recolheu todas as notas, desprezando cheques e moedas, e meteu-as na sacola.

— Venha. Rápido.

Conduziu o recepcionista ao banheiro e antes de trancá-lo foi categórico:

— Se abrir a boca e sair daqui nem quero pensar.

Apanhou a mala, sopesou a sacola, dirigiu-se ao táxi, abriu a porta:

— Vamos.

O motorista, desperto, orientava-se.

— Vamos.

Jogou a mala no banco de trás.

— Logo, logo. Vamos.

Rodaram nas ruas desertas. Indicou o destino e prometeu o dobro do preço.

— Estou atrasado.

O carro voava na estrada. O motorista mostrou-se curioso pela pressa. puxou conversa. E o silêncio foi a resposta.

— Para a rodoviária.

O dia ainda não amanhecera. Pagou o prometido e comprou passagem para o ônibus que já saía. Cortês, desculpou-se pelo atraso. Sentou-se no último banco. E tenso fez toda a viagem. Desembarcou já dia alto. Passou para outro ônibus. Pulou de pequena cidade para pequena cidade. Ao anoitecer, cansaço total e fome atroz, viu-se entrando na cidade grande, um mundo sem fim de luzes. Suspirou profundamente e relaxou. A rodoviária em grande e tumultuado movimento. Mala na mão, sacola ao ombro, chapéu debaixo do braço, apanhou o metrô. Depois o táxi, que o deixou no hotel. Preencheu o formulário e foi direto ao quarto. Barbeou-se, tomou longo banho, engolindo alguns goles como para lavar-se por dentro. Fechava os olhos e a água escorria pelo corpo. Um refrigerio. Bem vestido,

assoviando a canção, penteou-se ao espelho, lépido desceu para jantar no restaurante próximo, seu conhecido. Saudou o garçom:

— Oi!

Pediu do melhor, fartou-se a valer, saboreou a última gota do vinho e arrotou discretamente no guardanapo. Retornou ao hotel. Ficou um pouco à porta, olhando os que passavam. Depois subiu, meteu-se no pijama, estirou-se na cama, braços cruzados à nuca, televisão acesa, caubóis em tiroteios que não paravam. As pálpebras pesavam. Espreguiçou-se, estalando juntas. Apagou a televisão, pediu à telefonista:

— Às oito, por favor.

E o mergulho foi um só. Saiu dele com o tiritar persistente, muito longe, não muito longe, bem perto. O sol doía nos olhos. Pegou do fone:

— Está bem. Obrigado.

Espreguiçava-se, bocejava, o sexo gritava. Acariciou-o e lembrou-se dela, no frege, embolados, por cima, por baixo. Pulou da cama. Novo banho demorado. E de camisa esporte, chave a girar no dedo, desceu para o café da manhã. Leu os jornais, voltou ao quarto, sentou-se à mesinha, jogou sobre ela todo o conteúdo da sacola, e, mãos nos quadris, admirou de longe a alta pilha de notas. Sentou-se, pigarreou, e com carícia empilhou-as por ordem de valor. Prendeu os pacotes com elástico e conferiu o total várias vezes. Bateu com a ponta da caneta no papel, ponto final, e balançou a cabeça afirmativamente. Embrulhou tudo, com muito cuidado, na folha de papel encerado e acomodou no fundo da mala. Pôs na sacola a roupa suja, outras camisas

e roupas internas para amarfanhá-las, e o chapéu. Bem vestido, olhou-se ao espelho. Pronto. Chamou a portaria:

— Pegar minha bagagem, por favor. Vou sair.

Quitou o débito, gorjeta pródiga, apanhou o táxi, despediu-se do porteiro:

— Até a próxima.

Indicou o endereço ao motorista e fez várias perguntas, fino, alegre:

— E o tempo por aqui?

Atravessaram quase toda a cidade.

— Pare ali.

Ao descer, as crianças correram a abraçá-lo.

— Todos bem?

Beijou-as. E conduzindo a mala e a sacola e procurando abraçá-los aproximou-se da mulher, à espera de braços abertos, ventre enorme. Beijou-a, acariciou-lhe o rosto.

— Como vai, querida?

Ela contava as novidades domésticas, sobre a gravidez, e ele falava da viagem de negócios, as eternas desavenças com os clientes, tempos difíceis. Ela se dispôs a desfazer a mala.

— Não, não. Olhe o seu estado. Cuido disto.

As crianças reclamavam presentes. Prometeu comprá-los no dia seguinte. Muito cansaço da trabalhadeira da viagem estafante. Voltou a reclamar dos negócios, das concorrências, da crise financeira. Felizmente se saíra razoavelmente. Vários pedidos. Tivera sorte. Comissões ótimas.

— Desta vez quitaremos a casa.

O beijo, as lágrimas e o abraço foram a resposta.

Falou das péssimas estradas, hotéis ordinários. Chegara há pouco, viajara parte da noite. E subiu para o quarto. Ela e os filhos quiseram acompanhá-lo.

— Não, não. Olhe o seu estado. Desfaço a mala.

Acariciou a cabeça de cada criança:

— Papai vai descansar um pouco. Desço para o almoço.

Tirou o pacote da mala, sentiu demoradamente o seu peso na mão, trancou-o na gaveta. Levou a roupa suja para o banheiro, acomodou no guarda-roupa a não usada e de-teve-se longo tempo rodando o chapéu nos dedos, sentado na cama, absorto, tirando-lhe a poeira com batidas de unhas. Estirou-se, chapéu no peito, cochilou, acordou, cochilou, e na intermitência ela por cima, por baixo, no quarto de manchas na parede, pedaço de espelho, furo no colchão, o potinho sobre a mesinha.

Despertou com a mão a balançar-lhe delicadamente o braço, chamando-o para o almoço. Sentou-se:

— Já?

Ela pegou do chapéu, depois iria escová-lo. Concordou:

— Essas estradas.

Desceram. Ele recomendava cautela:

— Olhe o seu estado.

Sugeriu:

— Arranje alguém para auxiliar. Você não está mais em condições. Podemos pagar.

A mesa posta, pratos variados, crianças sentadas, o menor na cadeira alta. Sentou-se à cabeceira, ela em frente, em pé, pronta para servir. Ele olhou os filhos um por um. O mais velho mexia no prato, nos talheres. Repreendeu-o:

— Respeito, filho. Comporte-se. Almoça já.

Ela, pronta para servir, também sentou-se. Silêncio geral, conferido com calma e autoridade.

— Muito bem. Agradecemos a Deus. Um segundo.

Cruzou as mãos, baixou a cabeça e todos o imitaram.

14/5/91
com o tempo do
Deus, mas ainda
em bom estado